

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

RAYANE DE SOUSA MATOS DA COSTA

**IDEOLOGIA E SUBJETIVIDADE:
UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DE LINHA DE PRODUÇÃO**

CAMPO GRANDE - MS

2019

RAYANE DE SOUSA MATOS DA COSTA

**IDEOLOGIA E SUBJETIVIDADE:
UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DE LINHA DE PRODUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de Pesquisa: Psicologia e Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Branca Maria de Meneses.

CAMPO GRANDE - MS

2019

RAYANE DE SOUSA MATOS DA COSTA

IDEOLOGIA E SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DE LINHA DE PRODUÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Branca Maria de Meneses
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Orientadora

Prof. Dr. José Leon Crochick
Universidade de São Paulo
Membro externo

Profa. Dra. Inara Barbosa Leão – UFMS (Membro Interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Membro interno

Profa. Dra. Alexandra Ayache Anache
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Membro suplente

Campo Grande – MS, ____ de _____ de 2019.

Dedico,

Aos meus amados pais, Oreste e Soraya.

À minha querida irmã, Rayssa.

Ao meu companheiro de todas as horas, Mauro.

A todos os trabalhadores que lutam por uma sociedade melhor.

Sempre disse que seria por mim e por vocês!

AGRADECIMENTOS

Certa vez, ouvi dizer que “viver só” é um viver sem a graça de ser humano, mas que viver junto não basta, há que se ter elo, vínculo de afeto. Ouvi dizer que agradecer não se faz apenas por palavras, mas, sim, por dedicação e respeito. No entanto, eu não poderia deixar de tentar expressar com palavras o meu eterno agradecimento:

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Branca Maria de Meneses, por toda disponibilidade para comigo desde a graduação até a pós-graduação, por todo conhecimento compartilhado, por toda atenção, por cada correção e conversa, por me incentivar a sempre aprender mais. Se hoje este momento se faz verdadeiro, é porque ela esteve comigo. E, diante de tamanha dedicação, que eu a recompense, transmitindo, no exercício da minha profissão, tudo que aprendi.

Aos professores do Programa de Mestrado em Psicologia, pela contribuição com a minha formação acadêmica, pelos momentos de descontração, pelos conselhos, por TUDO que vivemos nesses anos. Profissionais por quem tenho grande admiração e respeito.

À Prof.^a Dr.^a Inara Barbosa Leão, pela relevante representatividade em minha formação e por todas as observações sobre o meu estudo.

Ao Prof. Dr. José Léon Crochick, pela disponibilidade e por ter ampliado o meu olhar crítico sobre esta pesquisa.

À secretária mais formidável que poderíamos ter, Ludmar, por toda ajuda, pelos lembretes e pelas cobranças. Profissional que faz a diferença!

À minha turma 2017.2, pelas mulheres admiráveis que são e por compartilharem comigo esse processo.

Às musas, Letícia Aquino, Regi Moraes, Simone Grisolia, Veridianna Queiroz e, em especial, a Patrícia Dantas, pelo apoio e companheirismo, momentos de partilhas, desabafos, força, cafés e chás. Lembrarei com muito carinho da nossa caminhada, pois ela se tornou mais gratificante porque pude contar com cada uma.

Aos membros do Grupo de Estudos Formação do Indivíduo e Trabalho (GEFIT), pelo acolhimento que recebi, pelas discussões e estudos realizados, figuras essenciais para despertar o meu interesse em realizar esta pesquisa.

Aos meus pais, Oreste e Soraya, e à minha irmã, Rayssa, por sempre acreditarem e confiarem em mim, por me fazerem entender que buscar o conhecimento é primordial para fazermos a diferença no mundo, por respeitarem o meu posicionamento e por estarem sempre comigo.

Ao meu companheiro, Mauro, por todo carinho que me ofereceu, por ter entendido a importância dessa formação para mim, por ter acreditado em mim quando nem eu mais acreditava, por ter entendido as minhas ausências e por ter mudado seus planos para que eu vivesse o meu.

Aos meus amigos, por toda a torcida, por vibrar com cada conquista, por me fazerem rir quando a vontade era chorar e por acreditarem comigo que esse momento chegaria.

Aos trabalhadores da indústria, pela participação e por confiarem no meu trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos durante um ano de realização deste mestrado.

“... e no centro da própria engrenagem,
Inventa a contra-mola que resiste.”
João Ricardo e João Apolinário | Secos e Molhados

RESUMO

Ao considerar que as condições objetivas de trabalho não têm possibilitado ao trabalhador formular reflexões críticas sobre as contradições sociais, decorrentes da irracionalidade da racionalidade tecnológica presente na sociedade, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar aspectos ideológicos intrínsecos nas relações de trabalho e seus significados na constituição da subjetividade de profissionais que atuam na linha de produção em uma empresa de cartonagem em Campo Grande/MS. Para isso, identificamos a concepção de trabalho e o valor ideológico atribuído, pelos participantes, ao trabalho. Os estudos que referendam esta pesquisa são os autores da Teoria Crítica da Sociedade, principalmente, Adorno, Horkheimer e Marcuse, e pesquisadores nacionais, por esses contribuírem no entendimento do que tem ocorrido no âmbito social, e refletirem criticamente sobre a formação subjetiva dos indivíduos. Participaram da pesquisa cinquenta e cinco participantes. A coleta de dados foi realizada com a aplicação da Escala Formação e Trabalho, elaborada por Meneses (2008) com os mesmos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa. Para a análise dos dados, primeiramente, recorreu-se aos cálculos estatísticos, seguidos das análises qualitativas. Os resultados obtidos indicaram a subjugação dos trabalhadores aos valores assentes à ideologia vigente, bem como as dificuldades dos participantes em analisarem o que representa o poder da ideologia da sociedade atual, ao estarem conformados e adaptados aos ditames estabelecidos por essa lógica. Além disso, chamou a nossa atenção o valor dado à formação escolar em detrimento do trabalho, mesmo compreendendo que tem prevalecido, na sociedade atual, a formação de ajuste aos padrões estabelecidos e a formação para o trabalho. Portanto, o trabalho na sociedade contemporânea embora apregoe a formação do indivíduo autônomo, evidencia uma heteronomia imposta pela racionalidade que tem tomado conta da constituição da subjetividade dos trabalhadores.

Palavras-chave: Ideologia, trabalho, subjetividade, indústria, Teoria Crítica da Sociedade.

ABSTRACT

Considering that objective working conditions have not allowed the worker to formulate critical reflections on social contradictions, resulting from the irrationality of technological rationality present in society, this research aims to analyze intrinsic ideological aspects in labor relations and their meanings in the constitution of professionals subjectivity working in the production line in a cartoning company in Campo Grande / MS. For this, we identified the conception of work and the ideological value attributed by the participants. The studies that endorse this research are the authors of the Critical Theory of Society, especially Adorno, Horkheimer and Marcuse, and national researchers, by their contribution to the understanding of what has occurred in the social sphere, and reflect critically on the subjective formation of individuals. Fifty-five participants contributed in the research. Data collection was performed by applying the Training and Work Scale, elaborated by Meneses (2008) with the same theoretical assumptions that underlie the research. For data analysis, we first resorted to statistical calculations, followed by qualitative analyzes. The results indicated the workers subjugation to the values is based on the current ideology, as well as the participants' difficulties in analyzing what represents the power of the ideology of the current society, when they are conformed and adapted to the dictates established by this logic. In addition, our attention was drawn to the value given to school training at the expense of work, even understanding that, in today's society, the formation of adjustment to established standards and training for work has prevailed. Therefore, work in contemporary society, although it touts the formation of the autonomous individual, shows a heteronomy imposed by the rationality that has taken over the constitution of workers subjectivity.

Keywords: Ideology, work, subjectivity, industry, Critical Theory of Society.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Cargo de Tetsuya Ishida (1997)	15
Figura 2	Fluxograma da linha produção da empresa de cartonagem em Campo Grande/MS.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Identificação da distribuição das funções dos sujeitos participantes da pesquisa.....	72
------------------	---	-----------

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Análise fatorial da subescala 'Concepção de Trabalho'	76
TABELA 2	Análise fatorial da subescala 'Atitudes Valorizadas no Trabalho'.	77
TABELA 3	Análise fatorial da subescala 'Valor Dado à Educação e ao Trabalho'	78
TABELA 4	Análise fatorial da subescala 'Adaptação à Ideologia do Mundo Administrado'	78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA	21
3. A IDEOLOGIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	35
3.1 Como a ideologia na sociedade administrada tem influenciado a constituição dos indivíduos?	35
4. A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA CONTEMPORANEIDADE	44
4.1 Será que estamos fadados a rolar pedra para sempre?	44
5. TRABALHO, IDEOLOGIA E SUBJETIVIDADE: PESQUISAS	55
6. IDEOLOGIA E SUBJETIVIDADE NA LINHA DE PRODUÇÃO	65
6.1 Objetivos	65
6.1.1 Objetivo geral.....	65
6.1.2 Objetivos específicos.....	66
6.2 Local da pesquisa	66
6.2.1 O setor de produção.....	67
6.3 Sujeitos	71
6.4 Instrumento	72
6.5 Procedimentos da pesquisa.....	74
6.6 Resultados e discussões.....	75
6.6.1 Concepção de trabalho.....	80
6.6.2 Atitudes valorizadas no trabalho.....	81
6.6.3 Valor dado à educação e ao trabalho.....	82
6.6.4 Adaptação à ideologia do mundo administrado.....	83
6.6.5 Análise geral.....	85
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
8. REFERÊNCIAS.....	92
9. APÊNDICES	96
9.1 APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	96
10. ANEXOS	98
10.1 ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA – ESCALA FORMAÇÃO E TRABALHO	98
10.2 ANEXO B – RESULTADOS DOS PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS DA ESCALA FORMAÇÃO E TRABALHO	102

B.1 – CONCEPÇÃO DE TRABALHO	102
B.2 – ATITUDES VALORIZADAS NO TRABALHO	103
B.3 – VALOR DADO À EDUCAÇÃO E AO TRABALHO.....	104
B.4 – ADAPTAÇÃO À IDEOLOGIA DO MUNDO ADMINISTRADO	105

FIGURA 1 - “Cargo”

Autor: Tetsuya Ishida

Ano: 1997

Movimento: Surrealismo

Fonte: <https://www.artbasel.com/catalog/artist/8874/Tetsuya-Ishida>

1. INTRODUÇÃO

Para iniciar as reflexões deste trabalho escolheu-se, dentre as várias produções de Tetsuya Ishida (1973-2005), a obra “Cargo” de 1997 (Figura 1). Ishida foi um pintor surrealista japonês que, frente as suas angústias e inquietações, representou, por meio de seus quadros, a despersonalização dos trabalhadores diante da cultura do trabalho. Em suas obras, ao retratar a solidão da sociedade japonesa, mostra a desorientação de indivíduos em uma sociedade tecnologicamente avançada. Os personagens com expressão de sofrimento e olhar para o vazio são representados como híbridos de ser humano-objeto, em uma crítica à estrutura da sociedade e que se torna referência ao peso do mundo administrado¹. Estranhos a si mesmos, os personagens estampam as condições que a ideologia da sociedade contemporânea tem imposto aos trabalhadores, os quais acabam por se aprisionarem ao serem sufocados e engolidos pela lógica do sistema.

Frente a essas análises, vale lembrar o que diz Adorno (2003) sobre a obra de arte surrealista, no texto intitulado “Revendo o Surrealismo”; para ele, quanto mais as obras de arte esperam ser explicadas, tanto mais elas acabam traindo o seu conformismo, mesmo que essa não tenha sido a intenção. Isso porque, na sociedade atual, a arte acaba por perder qualquer capacidade ao subverter, denunciar ou mostrar outras possibilidades, ante a sua redução à técnica e ao fetiche de se propor a fixar o subjetivo. No entanto, ao utilizar a obra, não se pode negar que houve a intenção de ilustrar e denunciar o que ocorre com o trabalhador, contudo o propósito não foi o conformismo.

Sem querer nivelar as obras de Tetsuya Ishida a teorias sociológicas, que denunciam as mazelas da sociedade, contraditoriamente, não se pode deixar de vê-las assim. Adorno (2003) ressalta que, ao encaixar o Surrealismo em poucos parâmetros, acaba-se reduzindo-o a um par de categorias sofríveis, sem alcançar a violência que emana de suas ideias. Esclarece, ainda, que “as imagens dialéticas do Surrealismo são as de uma dialética da liberdade subjetiva em uma situação de não-liberdade objetiva” (ADORNO, 2003, p. 138). Nesse sentido, faz-se necessário

¹ O conceito de mundo administrado, pensado por Horkheimer e Adorno (1985), faz referência as novas formas de dominação do sistema capitalista, e é inerente ao conceito de Indústria Cultural, apresentado pelos mesmos autores. De maneira resumida, indica a consciência manipulada das massas que tem impedido desenvolver o pensamento crítico e que implicado no processo de formação do indivíduo.

conhecer o horror, também expresso pelas obras de arte, pois a consciência moral perdeu substância e tem sido, cada vez mais, dirigida pelo peso da irracionalidade da racionalidade tecnológica² na sociedade contemporânea, nos termos do pensador frankfurtiano.

A motivação para realizar esta pesquisa surgiu após discussões no Grupo de Estudos Formação do Indivíduo e Trabalho – Gefit sobre a perpetuação da lógica utilitária no que se refere às relações de trabalho. Pois, nessa lógica, não há interesse em prezar aspectos da subjetividade do trabalhador que não sejam direcionados a administrar a sua vida para atender aos ditames do capital.

A partir desse entendimento, esta pesquisa tem por objetivo tratar questões afeitas aos aspectos ideológicos presentes nas relações de trabalho e, conseqüentemente, analisar suas implicações na constituição da subjetividade de trabalhadores que atuam em linha produção em indústria. Para nortear as reflexões, discussões e análises deste estudo, recorreu-se aos estudos da Teoria Crítica da Sociedade por contribuírem para o entendimento sobre o que tem ocorrido na sociedade contemporânea. Matos (1993) diz que esses estudos evidenciam que o sujeito tem sido reduzido ao estado de coisa, pela onipotência e onipresença do dinheiro, determinados pelo poder e pela lógica da circulação das mercadorias e do acúmulo do capital. O que fica retratado na pintura escolhida, por suscitar o pensar ao “encaixotamento” do trabalhador, considerado um mero produto na cadeia de produção e, por isso, acaba embalado pela administração do sistema. Os pensadores referidos chamam atenção à necessidade de superar tais condições. Tal possibilidade poderia ocorrer pela organização política dos sujeitos, frente ao esclarecimento sobre as condições objetivas da vida na sociedade atual.

Esses autores, ao realizarem a análise dialética sobre a racionalidade técnica, não prescindem de sua importância, porém observam como essa racionalidade passa a estar a serviço dos interesses econômicos em detrimento das necessidades reais dos sujeitos. Assim, a racionalidade, pelo seu uso irracional,

² A expressão “irracionalidade da racionalidade tecnológica” tem sido utilizada, pelos autores frankfurtianos, para se referir ao uso irracional das possibilidades advindas da racionalidade técnica. Na sociedade administrada, com todo o progresso técnico existente, já seria possível uma vida com autonomia, sem ansiedade, sem a obrigatoriedade do trabalho. Contudo, a técnica, como um fim em si mesma, freia essa emancipação e, pelo seu uso irracional insiste em adaptar o indivíduo ao existente e fortalecer a dominação.

acaba por impossibilitar aos sujeitos o reconhecimento de suas necessidades e possibilidades de mudanças sociais, políticas e, conseqüentemente, subjetivas.

Nesse sentido, a escolha pela Teoria Crítica da Sociedade justifica-se por propor análises críticas objetivando refletir acerca da dominação social, com o intuito de denunciá-la, para que ela deixe de ser reproduzida e fortalecida, como alerta à necessidade do esclarecimento em relação às ordens instituídas pela ideologia da sociedade contemporânea.

Ao eleger trabalhadores de linha de produção da indústria como sujeitos, objetiva-se considerar o que as relações de trabalho e o processo de sua organização representam e têm representado, de acordo com as mudanças que foram ocorrendo na sociedade.

A busca pela constante atualização tecnológica, entendida como globalização, tornou-se imprescindível à lógica administrativa vigente e, essa atualização, tem implicado no desligamento de trabalhadores, que vêm sendo substituídos pelas novas tecnologias, em geral e, em muitos casos, pelos trabalhos feitos por robôs. O problema não advém dessa substituição, mas do fato de a administração racional ser calcada no plano da dominação. (MENESES, LOPES, COSTA, no prelo).

Logo, o sujeito, inserido no mercado de trabalho, tem se subjugado ao trabalho e se sacrificado. O que suscita pensar se o trabalho representa a repressão como condição para a liberdade ou a dominação.

A escolha de uma indústria de cartonagem, em Campo Grande, foi instigada pelo fato de o estado de Mato Grosso do Sul (MS) ser reconhecido no cenário nacional e internacional pela cultura do agronegócio. Contudo, nos últimos anos, tem aumentado o processo de industrialização tanto voltado para o setor da agroindústria quanto para outros setores de produção. Segundo Zamberlan *et al.* (2010), na análise sobre a industrialização sul-mato-grossense, em face da industrialização brasileira, observa-se que o processo de industrialização ocorreu de forma tardia ao ser comparado a outros estados do Brasil. Primeiramente, com a implantação de pequenas indústrias substitutivas de importação estaduais, com microempresas de cunho familiar e; em seguida, diante da forte agropecuária desenvolvida na região e, com a cobrança feita pelos empresários ao governo estadual pela Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul (FIEMS), a criação da primeira lei de incentivo a indústria de MS, em 1984.

Carmo (2013) enfatiza que com as transformações ocorridas após essa política de incentivo, principalmente, no município de Campo Grande/MS, foi constituído um espaço atrativo de investimentos para empresários locais, nacionais e internacionais, de forma mais sistematizada a partir dos anos de 1990. O intuito de intensificar o desenvolvimento econômico da região implicou a implantação de leis municipais, vigentes até os dias atuais, cujo objetivo:

(...) se centraram nas políticas de vários incentivos ao desenvolvimento econômico sustentável do município, propiciando e oferecendo aos empreendedores de todas as regiões do Brasil, como também para indústrias multinacionais, desde a sua instalação no município até a mão de obra qualificada. (CARMO, 2013, p. 911).

Tal posicionamento evidencia o interesse do município em atrair o mercado industrial para a região, e, também, acaba por revelar o controle exercido pelas instituições, Estado e empresa, na vida das pessoas, ao traçar o novo perfil econômico local e, assim, as formas de relação de trabalho e produção.

Mesmo que o processo de industrialização de MS, ainda, seja considerado incipiente em relação a outros estados, ponderamos a relevância em analisar a concepção de trabalho dos sujeitos da pesquisa e o valor ideológico atribuído ao trabalho pelos trabalhadores, e se a lógica presente em seus valores diferencia do que tem prevalecido na ideologia vigente.

Após os aspectos introdutórios, no segundo capítulo, discutiu-se sobre a organização do trabalho na sociedade capitalista. Tendo em vista que o trabalho, ligado às formas de organização desta sociedade, constitui um dos aspectos sociais que, também, expressam a subjetividade dos indivíduos.

No terceiro capítulo, enfatizou-se a ideologia na sociedade contemporânea, tendo como referência principal os estudos de Horkheimer e Adorno (1973a) acerca da ideologia. Nesta obra, os pensadores frankfurtianos observam a transformação do fenômeno da ideologia com o advento da sociedade administrada.

O quarto capítulo aborda a formação do indivíduo e, com vistas a realizar uma metáfora referente a vida do trabalhador, foi escolhido o texto “O mito de Sísifo”, de Albert Camus (1946), para refletir sobre a busca de sentido no trabalho na sociedade administrada. Particularmente, no que se refere aos profissionais que atuam no setor de produção de indústrias, visto que o operário tem estado fadado a trabalhar e executar tarefas rotineiras

No quinto capítulo, o debate trata dos estudos afeitos ao tema que contribuíram à melhor compreensão do tema em questão.

A pesquisa empírica, discutida no sexto capítulo, trata da coleta de dados e foi realizada com a aplicação da Escala Formação e Trabalho de Meneses (2008). Tal escala possui formato do método de *Likert*, com um total de 32 itens, e cada um destes associado a escores de 1 a 4 pontos. Os temas abordados na Escala compreendem a concepção de trabalho; as atitudes valorizadas no trabalho; o valor dado à educação escolar e ao trabalho; e a adaptação à ideologia do mundo administrado. Após apresentação dos resultados psicométricos, foram formalizadas as devidas análises qualitativas.

Os resultados indicaram a subjugação dos trabalhadores aos valores assentes à racionalidade da sociedade atual. Cabe ressaltar que os estudos dos autores frankfurtianos foram essenciais para compreender o colapso na formação do indivíduo nesta sociedade, no que diz respeito à constituição da subjetividade, e esclarecer o quanto o sofrimento, a alienação e a massificação têm feito parte de atitudes necessárias à adaptação do indivíduo voltadas aos interesses determinados pelo mundo administrado.

2. O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Ao longo do tempo, a sociedade passou por diferentes configurações, e, conseqüentemente, a ideia de trabalho e as relações estabelecidas por ele também se transformaram. Neste capítulo, o interesse é discutir sobre o trabalho na sociedade capitalista, tendo em vista que este, ligado às formas de organização desta sociedade, constitui um dos aspectos sociais que, também, expressam a subjetividade dos indivíduos.

Sobre as mudanças que caracterizam o trabalho hoje, de forma distinta do passado, Gorz (2007) diz que o seu sentido passou a se diferenciar das tarefas necessárias à manutenção e à reprodução da vida. Isto é, o trabalhador foi obrigado a desempenhar atividades em que o produto não era mais somente por ele manufaturado, usufruído e/ou comercializado. Por consequência, a sua força de trabalho passou a ter valor de troca na produção de bens, converteu-se a

[...] ser uma atividade que se realiza na esfera *pública*, solicitada, definida e reconhecida útil por outros além de nós, e, a este título, remunerada. É pelo trabalho *remunerado* (mais particularmente pelo trabalho assalariado) que pertencemos à esfera pública, adquirimos uma existência e uma identidade sociais (isto é, uma “profissão”), inserimo-nos em uma rede de relações e de intercâmbios, onde a outros somos equiparados e sobre os quais vemos conferidos certos direitos, em troca de certos deveres. O trabalho socialmente remunerado e determinado – mesmo para aqueles que a ele se preparam ou para aqueles a quem falta trabalho – é, de longe, o fator mais importante da socialização. Por isso a sociedade industrial pode perceber a si mesma como uma “sociedade de trabalhadores”, distinta de todas as demais que a precederam (GORZ, 2007, p. 21; grifos do autor).

Desse modo, o trabalho configurou-se uma atividade digna perante o sistema produtivo e, tornou-se, também, uma promessa de liberdade. Weber (2004) indica, em seus estudos sobre a ética protestante, o quanto a Reforma Protestante implicou o novo sentido dado ao trabalho, que passou a consistir no esforço que cada um deveria realizar para conquistar o seu espaço reconhecidamente privado, e ser o meio pelo qual o indivíduo se realiza, se enobrece e se dignifica. Dessa maneira, o movimento reformista consolidou, como princípio do modo de produção capitalista, o esforço pessoal e individual, ao romper com o domínio da Igreja, com o modo de produção feudal e com o Estado absolutista.

Assim, foi nas ruínas da sociedade feudal que a sociedade burguesa despontou, no entanto, até hoje, não quebrou as contradições existentes na forma de organização da sociedade anterior. De acordo com Gorz (2007), os capitalistas rompem com a tradição, mas racionalizam as atividades produtivas com uma lógica fria e brutal. Isto é, eles propõem novas formas de relações de trabalho, nas quais o capitalista passou a ser o proprietário do capital e o Estado a intervir economicamente para manter o controle e a vigilância do processo produtivo, com o propósito de atender aos interesses da classe que se estabeleceu como força econômica, a burguesia. Esta, com o interesse de obter o maior lucro possível, buscava controlar, de forma rigorosa, os custos de produção por meio da quantificação e normatização de todos os elementos envolvidos no processo produtivo. Nesse sentido,

A racionalidade econômica foi por longo tempo contida, não apenas pela tradição, mas também por outros tipos de racionalidade, outras finalidades e outros interesses que lhe consignavam limites a não serem ultrapassados. O capitalismo industrial só pôde desenvolver-se a partir do momento em que a racionalidade econômica emancipou-se de todos os outros princípios de racionalidade, para submetê-los a seu único domínio (GORZ, 2007, p. 27).

Sobre tal racionalidade do trabalho, Adam Smith (1996), no livro “A riqueza das nações”, afirmava que o esforço natural de cada indivíduo possibilitaria melhorar a sua condição de vida e, como resultado, a condição da economia e da Nação. Para esse autor, a divisão do trabalho constituía em uma técnica a ser constantemente aperfeiçoada, em razão da consequência lógica e natural advinda da necessidade da associação humana na realização do trabalho produtivo. A riqueza seria estabelecida pelas leis do mercado, com base na oferta e na procura, e a mão invisível³ determinaria a ação natural dos agentes comerciais, consubstanciando, assim, o espírito liberal do livre comércio. De acordo com Smith (1996) cabia a cada trabalhador destacar a importância de sua tarefa, por mais minuciosa que fosse executada.

Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete requerem-se 3 ou 4 operações diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem

³ Conceito criado por Adam Smith (1996) para fazer referência a autorregulação do mercado livre sem a interferência do Estado. Para o autor, o crescimento econômico e o progresso de uma Nação seriam alcançados com uma sociedade livre, onde os indivíduos agem de acordo com seus interesses pessoais.

dos alfinetes também constitui uma atividade independente. Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturas são executadas por pessoas diferentes, ao passo que, em outras, o mesmo operário às vezes executa 2 ou 3 delas. Vi uma pequena manufatura desse tipo, com apenas 10 empregados, e na qual alguns desses executavam 2 ou 3 operações diferentes. Mas, embora não fossem muito hábeis, e portanto não estivessem particularmente treinados para o uso das máquinas, conseguiam, quando se esforçavam, fabricar em torno de 12 libras de alfinetes por dia. Ora, 1 libra contém mais do que 4 mil alfinetes de tamanho médio. Por conseguinte, essas 10 pessoas conseguiam produzir entre elas mais do que 48 mil alfinetes por dia. (SMITH, 1996, p. 66)

Com base na divisão racional do trabalho, Smith (1996) desenvolveu a Teoria do Valor Trabalho, pela qual o valor de troca de um bem seria determinado pela quantidade direta e indireta de trabalho necessária à sua produção, e o trabalho agregaria valor à mercadoria.

No entanto, Gorz (2007), ao tratar sobre a divisão do trabalho, explica que ela foi necessária, como na produção dos alfinetes descrita por Smith (1996), não ao aumento da produtividade, mas sim à dominação dos operários. Essa indissociação das técnicas de produção e as técnicas de dominação possibilitaram, e ainda têm possibilitado, a alienação dos trabalhadores. Deste modo, a dominação exercida pelas técnicas de produção, expandida, também, para a organização racional da sociedade, acaba impossibilitando aos sujeitos reconhecer as reais condições de existência e os aspectos irracionais presentes em tal organização. Assim, a

[...] técnica de dominação e imperativos de racionalização estão inextricavelmente confundidos, tanto que se pode indiferentemente considerar a organização racional como a finalidade da dominação ou, ao contrário, a dominação como sendo a finalidade da organização racional (GORZ, 2007, p. 49).

Há a substituição do trabalho vivo e do trabalhador livre por um trabalho e um trabalhador precisamente programado, exigência da racionalização econômica e do funcionamento do modo de produção capitalista, os quais requerem a submissão do vivo ao inerte, do trabalho vivo ao trabalho morto.

A racionalização do trabalho provocava a racionalização, depois a uniformização das máquinas, esta, por sua vez, a uniformização dos produtos, e, por fim, a uniformização dos trabalhadores. Era preciso que, em qualquer canto do mundo, produtos idênticos fossem fabricados com gestos idênticos [...]. Exigida inicialmente pela racionalização econômica capitalista, a reificação do trabalho ou a

destruição - cada vez mais completa, mas jamais definitiva, nem total – dos ofícios torna-se finalmente quase irresistível, em razão da divisão do trabalho e do comércio em escala mundial (GORZ, 2007, p. 62-63).

Conforme o autor referido, essa racionalidade anunciava, ante todas as transformações no mundo do trabalho, a libertação de toda a miséria e penúria e o fim do trabalho servil e da carga de trabalho humano, pois a máquina a realizaria. Porém, tais mudanças destituíram o trabalho de qualquer conteúdo, e o trabalhador passou a ser administrado pela maquinaria. “O meio de trabalho tornado autômato ergue-se, durante o processo de trabalho, diante do operário sob a forma de capital, de trabalho morto, que domina e explora a força de trabalho vivo”, diz Gorz (1980, p. 32).

Não obstante, a administração científica do trabalho, proposta no modelo de produção taylorista, já exemplificava a ligação entre as técnicas de produção e dominação. Foi, a partir desse modelo produtivo, que o trabalhador passou a conviver com um sistema plenamente autoritário de tomada de decisões. Para Taylor, preocupado com o desperdício de materiais no processo produtivo, importava controlar o trabalho vivo, os tempos e os movimentos do trabalhador, e, por isso, não exigia a especialização do trabalhador, mas implicava a automatização do trabalho, explica Morais Neto (2003). E, com a proposta de pôr em prática as ideias de Taylor e aperfeiçoá-las em linha de montagem, o modelo fordista fixou o trabalhador em um determinado posto de trabalho, no qual o ritmo passou a ser controlado pela máquina.

Gorz (2007) afirma que, com o processo de administração científica, o trabalhador experimenta a “insignificância do seu agir”:

Não é mais “que um acessório vivo dessa maquinaria”, a sua “capacidade de trabalho, infinitamente diminuída, desaparece, *como desaparece no produto qualquer relação com a necessidade imediata do produtor* e, portanto, qualquer relação com seu valor de uso imediato”. O processo de trabalho foi “transformado em um processo científico, subjugando as forças da natureza a seu serviço” e “o trabalho do indivíduo agora só é produzido à medida que se insere no conjunto dos trabalhos que submetem a natureza”. (GORZ, 2007, p. 59, grifos e destaques do autor).

Frente à nova fase do capitalismo global, sob o regime da acumulação financeirizado, houve uma reestruturação no gerenciamento dessa cientificidade, marcada pela aplicação das inovações tecnológicas. Assim, foi partir da década de 1970, em contraposição ao modelo taylorista/fordista, mas sem romper com a lógica

do sistema capitalista, que surgiu o toyotismo, com novas técnicas organizacionais e novas formas de controle dos trabalhadores, esclarece Moraes Neto (2003). Nesse modelo de produção, a rígida organização em massa cedeu espaço à produção flexível; e o uso aprimorado do desenvolvimento da ciência e da tecnologia demandou habilidades técnicas e qualificações especializadas na formação dos trabalhadores, os quais precisam ser polivalentes para operar diferentes máquinas de forma consistente.

A busca pela constante atualização tecnológica, entendida como globalização, tornou-se imprescindível à lógica administrativa vigente, e essa atualização tem implicado o desligamento de trabalhadores, que vêm sendo substituídos pelas novas tecnologias, em geral e, em muitos casos, pelos trabalhos feitos por robôs. O problema não advém dessa substituição, mas do fato de a administração racional ser calcada no plano da dominação. (MENESES, LOPES, COSTA, no prelo).

Posto isso, a contradição presente na mundialização do capital, no lastro da reestruturação produtiva, pode ser verificada pelo grande aumento e desenvolvimento da tecnologia e o acúmulo de conhecimentos em geral, os quais já poderiam resolver os graves problemas, de diversas ordens, existentes na sociedade e os eliminar.

No entanto, ao considerar a configuração de poder presente na sociedade atual, Crochík (2003) observa que o trabalho tem sido entendido como necessário à adaptação social e individual ao mundo, por ele é transformado conforme as necessidades sociais; e que o trabalhador ainda se encontra subjugado à dominação, base da sociedade que perpetua o sacrifício.

Essa permanência decorre da distribuição desigual das conquistas do progresso técnico, que vinculados às relações de produção, até então, não atingiram o objetivo de diminuir o sofrimento dos indivíduos. Ao contrário, tem sido avaliado conforme sua utilização como meio de destruição.

Não é a técnica o elemento funesto, mas o seu enredamento nas relações sociais, nas quais ela se encontra envolvida. Basta lembrar que os interesses de lucro e da dominação têm canalizado e norteado o desenvolvimento técnico: este coincide, por enquanto, de um modo fatal com necessidades de controle. Não por acaso, a invenção de meios de destruição tornou-se o protótipo da nova qualidade técnica. (ADORNO, 1986, p. 69)

Assim, no sistema capitalista, as formas de controle do trabalhador têm adquirido novas roupagens. Como resultado, as relações de trabalho foram ajustadas: ao progresso técnico; aos capitais mobilizados para o lucro; à divisão mais clara da burguesia possuidora dos bens; e a um corpo técnico capaz de gerir o capital e o proletariado, considerados elementos fundamentais para consolidar o modo de produção capitalista. Conforme explica Meneses (2008), fica evidente a contradição existente na sociedade contemporânea, pois o trabalhador tem sido aprisionado e alienado tanto do processo de seu trabalho como das reais condições objetivas da sociedade. Desse modo, as condições de organização da sociedade e, por isso, as relações de trabalho não têm possibilitado a reflexão crítica sobre a irracionalidade existente na organização racional da sociedade, a fim de possibilitar aos trabalhadores reconhecerem e superarem as contradições existentes.

Ao analisar as mudanças no processo de trabalho e novas formas de integração da classe trabalhadora à sociedade capitalista, Marcuse (2015) faz referência à essa sociedade como unidimensional, que objetiva controlar e integrar dimensões da existência privada e pública, ao assimilar forças e interesses antes opostos, por reprimir a força de negação e converter em fator de coesão e afirmação. Para o autor, a liberdade administrada e a repressão dos instintos são transformadas em instrumentos fundamentais para o aumento incessante da produtividade, ou seja, são as novas formas de controle. O ser, o fazer e o pensar do trabalhador estão atrelados à lógica da sociedade industrial, a qual transforma as suas necessidades políticas em interesses e necessidades dos indivíduos a tal ponto que o sistema, como um todo, apresenta-se como a própria personificação da razão.

No entanto, essa sociedade é irracional como um todo. Sua produtividade destrói o desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas, sua paz é mantida pela constante ameaça de guerra, seu crescimento depende da repressão das reais possibilidades de pacificação da luta pela existência (MARCUSE, 2015, p. 31).

Desse modo, conforme Marcuse (2015), as capacidades, tanto intelectuais quanto materiais, da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores do que jamais foram, o que significa que a dominação da sociedade sobre o indivíduo tem sido extremamente eficiente. Ademais denuncia que a sociedade unidimensional

cerceia a liberdade e a individualidade, configurando uma sociedade com traços totalitários:

Em virtude da maneira que ela organizou sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois “totalitária” não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses escusos. Isso impede, então, a emergência de uma oposição efetiva contra o todo. Não apenas uma forma específica de governo ou diretriz partidária conduz ao totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição que bem poderia ser compatível com o ‘pluralismo’ partidário, jornais, ‘poderes compensatórios’ etc. (MARCUSE, 2015, p. 42-43, destaque do autor).

Por essa lógica, as sociedades industriais avançadas são “totalitárias” em virtude não do domínio explicitamente político, mas porque elas operam o aparato técnico-econômico que tem impedido o surgimento de alternativas ao modo de produção existente, o qual tem sido capaz de tornar a vida administrada segura e confortável, conforme o autor em questão. Nesse sentido, a sociedade atual se distingue pela sua capacidade de subjugar as forças sociais críticas ou de oposição mais pela tecnologia do que pelo terror; mais pela eficiência do sistema técnico-científico, do que pela opressão explícita.

Ainda explicita Marcuse (2015) que a sociedade atual configura-se pela falta de oposição, visto que nela tudo está padronizado, uniformizado e perfeitamente integrado segundo normas comuns. Com isso, homens e coisas se tornam produto do conformismo social, no qual os direitos e as liberdades perdem sua vitalidade e esvaziam-se de conteúdo. A independência de pensamento e o direito à oposição política, por sua vez, perdem sua função crítica, no momento em que a organização da sociedade a torna cada vez mais apta a satisfazer e impor as necessidades individuais.

Afirma esse pensador frankfurtiano que o totalitarismo e a uniformização aumentam tanto no plano político como no técnico-econômico. As necessidades dos indivíduos ficam condicionadas: criam-se falsas necessidades, impostas pelos interesses dos grupos sociais dominantes; bens de consumo de todo tipo, produzidos segundo as “leis de mercado”, são eficientemente impostos à existência cotidiana dos indivíduos. O desfecho desse processo é a “euforia na infelicidade”: a maioria das

necessidades e atividades comuns do cotidiano, bem como as diversas opções de lazer disponíveis na sociedade, pertence à categoria de falsas necessidades.

Tais necessidades têm um conteúdo e uma função social que são determinadas por forças externas sobre as quais o indivíduo não tem controle algum; o desenvolvimento e a satisfação dessas necessidades são heterônomos. Independente do quanto tais necessidades se possam ter tornado do próprio indivíduo, reproduzidas e fortalecidas pelas condições de sua existência; independente de quanto ele se identifique com elas e se encontre em sua satisfação, elas continuaram a ser o que eram de início – produtos de uma sociedade cujo interesse dominante exige repressão. (MARCUSE, 2015, p. 44)

Mas, como observa Marcuse (2015, p.44): “(...) as necessidades humanas são necessidades históricas e à medida que a sociedade exige o desenvolvimento repressivo do indivíduo, suas próprias necessidades e a sua demanda por satisfação estão sujeitas aos padrões críticos dominantes”. As únicas carências que possuem uma pretensão absoluta à satisfação são as necessidades vitais – alimentação, vestuário e moradia possíveis, em certo nível cultural –, e a satisfação dessas necessidades constitui base para a realização de todas as outras que sempre foram condicionadas, esclarece o autor em questão. Dessa forma, a potencialidade reprodutora e mantenedora do sistema vigente resulta da expansão da ideologia das relações de produção para as relações sociais, e as administra, ao tornar a vida dos sujeitos como coisas, mercadorias, e passíveis de serem descartadas.

Outrossim, o julgamento de necessidades verdadeiras e falsas deve ser respondido pelo próprio trabalhador, desde que ele seja “livre” para se posicionar, uma vez que, enquanto for mantido na impossibilidade de ser autônomo, seus posicionamentos são considerados como heterônomos. Assim, a racionalidade produtiva torna também mais eficientes os meios pelos quais os indivíduos são controlados. Logo, o que marca a atual sociedade é a sua capacidade de sufocar as necessidades que demandam a libertação dos indivíduos, em detrimento das necessidades superimpostas, as quais testemunham a eficácia dos controles, esclarece Marcuse (2015).

Tal controle social atenua o contraste entre necessidades satisfeitas e não satisfeitas, com a homogeneização ideológica de seus interesses políticos e sociais. Por consequência, o conformismo torna-se generalizado e profundamente arraigado nos hábitos cotidianos, e qualquer oposição parece ser um sintoma de neurose. Nesta

sociedade, o indivíduo acaba despojado de toda personalidade, não tem espessura nem relevo, está perfeitamente nivelado, ou seja, é “unidimensional”, nos termos de Marcuse (2015). Por isso, a característica marcante da civilização tecnológica tem sido a irracionalidade de sua racionalidade, cujo caráter irracional possibilita a barbárie. É notável nesta sociedade:

Sua produtividade e eficiência, sua capacidade de aumentar e ampliar comodidades, de transformar o desperdício em necessidade e a destruição em construção, a dimensão com que essa civilização transforma o mundo objetivo em uma extensão do corpo e do espírito (*mind*) torna questionável a própria noção de alienação. As pessoas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma no seu automóvel, nos seus aparelhos *hifi*, nas suas casas de dois andares ou com mezanino e nos seus utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que une o indivíduo à sua sociedade mudou e o controle social está ancorado nas novas necessidades que essa sociedade produziu. (MARCUSE, 2015, p. 47, grifos do autor).

Cabe a ressalva, contudo, de que o autor não se refere a um determinismo tecnológico, porém às novas formas de controle social estabelecidas que ganham novo sentido diante do avanço tecnológico e científico. Nas sociedades capitalistas avançadas, o modo de produção capitalista e os interesses de classe utilizam a tecnologia para manipular as necessidades, “doutrinar” os indivíduos, integrar as forças potenciais de oposição e administrar o todo da sociedade de acordo com seus próprios interesses.

Dessa maneira, a falta de liberdade tem determinado padrões de comportamento e o pensamento unidimensional, conforme termos marcusianos. No que diz respeito a esses padrões, Marcuse (2015, p. 50) observa que “as ideias, aspirações e objetivos, que, por seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido do discurso e da ação, são ou repelidos ou reduzidos aos termos desse universo” e, com isso, os comportamentos e pensamentos são redefinidos por essa racionalidade.

Por sua vez, o movimento do pensamento bidimensional – que permite ao indivíduo distinguir entre o que é real e efetivo do que é ideia e imaginação - tem sido freado por barreiras que aparecem como os próprios limites da razão. Ao analisar os limites da razão e a limitação do racionalismo moderno, Marcuse ressalta:

O racionalismo moderno em ascensão, tanto em sua forma especulativa como empírica, mostra um contraste notável entre o radicalismo extremamente crítico no método científico e filosófico, de um lado, e um quietismo acrítico na atitude diante das instituições

sociais estabelecidas e em funcionamento. Assim, o *ego cogitans* de Descartes deixou intactos os “grandes corpos públicos” e Hobbes sustentou que “o presente deve ser sempre preferido, mantido e considerado melhor”. Kant concorda com Locke ao justificar a revolução *se e quando* ela obtiver êxito na organização do todo e na prevenção da subversão. (2015, p. 52, grifos do autor).

Ao realizar essa retomada filosófica, o autor esclarece que existiram condições sociais que possibilitariam uma real dissociação do estado de coisas estabelecidas, ao propor uma dimensão tanto privada quanto política, a qual poderia desenvolver-se em oposição legítima, visto que os filósofos da modernidade promoveram um grande salto no entendimento do homem e da sociedade. O indivíduo, a partir do pensamento kantiano, torna-se o sujeito do conhecimento, capaz de explicar a sua própria existência, de realizar os próprios julgamentos e as próprias escolhas. Contudo, devido à apropriação dessa dimensão pela sociedade, a autolimitação do pensamento evidencia uma significação mais ampla, pois a lógica vigente bloqueia todo comportamento e toda operação que se confrontam a ela e, os conceitos que a objetam são transformados em ilusórios ou sem significação, de acordo com Marcuse (2015).

Isso posto, o indivíduo, ao adotar o padrão de pensamento e comportamento unidimensional, perde a capacidade de refletir criticamente, pois as suas práticas se conformam ao existente. Com isso, deixa de conhecer as suas verdadeiras necessidades, apropria-se de necessidades heterônomas e não resiste à lógica totalitária existente.

A sociedade estabelecida por essa ideologia transforma o progresso científico e técnico em instrumento de dominação e, ao limitá-lo à racionalidade tecnológica, move-se para fins específicos, fato justificado por sua crescente produtividade. No entanto, não transcende a um estágio no qual todas as necessidades vitais possam ser satisfeitas cujo tempo necessário para o trabalho seja reduzido ao mínimo, explica o autor em questão.

O operacionalismo, na teoria e na prática, torna-se a teoria e a prática de contenção. Por baixo de sua dinâmica aparente, essa sociedade é um sistema de vida completamente estático: autopropulsora em sua produtividade opressiva e em sua coordenação benéfica. A contenção do progresso técnico caminha de mãos dadas com seu crescimento na direção estabelecida. Apesar dos entraves políticos impostos pelo *status quo*, quanto mais a tecnologia parece capaz de criar as condições para a pacificação, mais o espírito (*mind*) e o corpo do

homem são organizados contra essa alternativa. (MARCUSE, 2015, p. 53, grifos do autor).

Em vista disso, prevalece, no arranjo da sociedade, a administração das relações sociais, trabalhistas e da vida dos sujeitos, estas marcadas e mediadas pelos interesses do capital, uma vez que as técnicas de industrialização são técnicas políticas que prejulgam as possibilidades da razão e da liberdade.

Certamente, o trabalho deve preceder a redução do trabalho e a industrialização deve preceder o desenvolvimento das necessidades e satisfações humanas. Mas assim como toda liberdade depende da conquista de necessidades de outra natureza, a realização da liberdade depende das *técnicas* dessa conquista. A mais alta produtividade do trabalho pode ser usada para a perpetuação do trabalho e a mais eficiente industrialização pode servir a restrição e a manipulação das necessidades. (MARCUSE, 2015, p. 54, grifos do autor).

O alcance desse ideal estende a dominação a todas as esferas da existência pública e privada, integra toda oposição autêntica e absorve todas as alternativas. E, ao se tornar o principal instrumento de controle social, a racionalidade tecnológica revela o seu caráter político e cria um universo verdadeiramente totalitário, no qual sociedade, corpo e mente são mantidos em um estado de permanente mobilização para a defesa desse universo, como esclarece Marcuse (2015). Pois, ao criar um universo político cuja tecnologia, tal qual foi desenvolvida pela sociedade, tem sido apenas e tão-somente um projeto histórico específico, em que a cultura, a política e a economia se fundem em um sistema universal que tolera ou ignora todas as alternativas, estabilizam-se a sociedade e o progresso técnico na estrutura de dominação em detrimento da produtividade.

Tal racionalidade tecnológica toma conta do processo produtivo, conforme a organização do trabalho, e mais especificamente na indústria, na qual, além de tudo, os trabalhadores não conseguem romper com o controle exercido pelo sistema, ao se tornarem reféns do ritmo estabelecido pelas máquinas. Assim, a tecnologia tem sido estruturada e constituída pelos interesses políticos e econômicos que ela ajuda a promover. E, nessa sociedade, os interesses políticos e econômicos de dominação determinam o projeto tecnológico da sociedade.

Para Marcuse (2015), uma vez moldada por esses interesses, a técnica parece se tornar relativamente autônoma e adquirir força e dinâmica próprias. Dessa forma, a sociedade contemporânea deve ser vista não como produto de um

determinismo tecnológico abstrato e a-histórico, que submete todas as outras esferas da vida social, mas como uma síntese de capitalismo e tecnologia que constitui uma nova e específica forma de controle social e totalitária. Nesse sentido, reitera-se que a racionalidade tecnológica, ratificada pela irracionalidade existente no sistema produtivo, ao criar o universo totalitário, invoca a prática dos sacrifícios, de renúncias, em uma sociedade que não precisaria mais disso. Tal irracionalidade denuncia a necessidade de uma sociedade sem oposição, em razão de que esta impõe barreiras a todo comportamento e operação que se opõe a ela, conseqüentemente, os conceitos que a contrariam são tornados ilusórios ou sem significação, segundo o pensador frankfurtiano em questão. Assim sendo, fortalece a ideologia existente, e ocorre o enfraquecimento dos processos psíquicos, uma vez que os indivíduos pouco refletem sobre os determinantes sociais e seus significados na constituição de sua existência.

No capitalismo avançado, a racionalidade técnica tem sido incorporada, apesar de seu uso irracional, no aparato produtivo, que não se aplica apenas às fábricas mecanizadas, às ferramentas e à exploração dos recursos, mas também ao modo de trabalho como adaptação e manejo do processo da máquina, organizado pela gerência científica, diz Marcuse (2015). Por conseguinte, as relações de trabalho estabelecidas nesta sociedade sofrem transformações decisivas, visto que os sujeitos e objetos constituem, a partir de então, instrumentalidades em um todo, cuja promessa consiste em possibilitar uma vida confortável, ante sua capacidade de conter e manipular a imaginação e os esforços subversivos.

Para o autor referido, um dos fatores que impulsiona essas transformações nas relações de trabalho é a redução crescente da quantidade e da intensidade de energia física despendida no trabalho pelos trabalhadores, os quais, pela mecanização do trabalho, são expostos às condições desumanas de exploração. Desse modo, ao sustentar a exploração e modificar a atitude e o status do explorado, a inserção da tecnologia tem transformado o dispêndio de energia física em esforços técnicos e mentais.

Outro fator, que decorre desse primeiro, tem sido a segmentação ocupacional, salienta o autor em questão, pois, na medida em que a máquina torna-se um sistema de ferramentas e relações, ela se estende para além do processo individual de trabalho, o que afirma sua dominação ao reduzir a autonomia profissional

do trabalhador e integrá-lo a outras profissões que sofrem e dirigem o conjunto técnico.

A máquina é a personificação do poder de trabalho humano e, por seu intermédio, o trabalho passado (trabalho morto) se preserva e determina o trabalho vivo. Hoje a automação parece alterar qualitativamente a relação entre o trabalho morto e o trabalho vivo; ela tende para o ponto em que a produtividade é determinada “pela máquina e não pelo rendimento individual” (MARCUSE, 2015, p. 62).

O que passa a estar em evidência tem sido a compatibilidade do progresso técnico com as próprias instituições em que a industrialização se desenvolveu que são, para além de um sistema de pagamento, da relação de um trabalhador com as outras classes e a organização do trabalho.

Nesse processo, as mudanças nas relações de trabalho e dos instrumentos de produção transformam a atitude e a consciência do trabalhador, que se torna manifesta na amplamente discutida integração social e cultural da classe trabalhadora com a classe capitalista, discute Marcuse (2015). A justificativa é que, mesmo com a aceleração do trabalho, o desemprego tecnológico, o fortalecimento da posição de direção e a crescente impotência e resignação por parte dos trabalhadores, considerados traços negativos do processo de automação, o autor observa um desejo por parte de tais trabalhadores em contribuir para a solução dos problemas de produção.

Isso ocorre porque a dominação tem sido transfigurada em administração diante da esmagadora irracionalidade da racionalidade tecnológica, já que:

(...) nem a mudança no caráter do trabalho pesado, nem a assimilação dos grupos profissionais, nem a equalização na esfera do consumo compensam o fato de que as decisões sobre a vida e a morte, sobre a segurança pessoal e nacional são tomadas em esferas sobre as quais os indivíduos não têm qualquer controle. Os escravos da civilização industrial desenvolvida são escravos sublimados, mas eles são escravos, pois a escravidão é determinada. (MARCUSE, 2015, p. 66).

Diante dessas observações, cabe questionar: a sociedade reprodutora dessa forma de servidão, na qual o indivíduo existe como instrumento, como coisa, pode possibilitar a formação de sujeitos emancipados e autônomos?

O que se observa com as discussões sistematizadas até aqui sobre as mudanças ocorridas nas relações de trabalho e nos modelos de produção, com todos

os seus avanços tecnológicos e administrativos, é que têm cada vez mais se perpetuado o sacrifício, o sofrimento e a alienação do trabalhador. Desse modo, torna-se necessário desvelar o que impede o trabalhador de esclarecer-se, diferenciar-se e ser livre para escolher e pensar além do que está posto. Sequencialmente a tais questões, no próximo capítulo, a discussão concentra-se na ideologia da sociedade contemporânea, com intuito de entender como os indivíduos têm aderido a essa mentira manifesta, ou à ideologia, como justificação, nos termos de Horkheimer e Adorno (1973a).

3. A IDEOLOGIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As discussões presentes neste capítulo têm como finalidade o aprofundamento acerca da ideologia e suas implicações na constituição da subjetividade dos indivíduos.

3.1 COMO A IDEOLOGIA NA SOCIEDADE ADMINISTRADA TEM INFLUENCIADO A CONSTITUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS?

Para elucidar tal indagação e compreender a ideologia na sociedade contemporânea, é necessário chamar a atenção às contradições presentes na dinâmica dessa sociedade. De acordo com a Teoria Crítica da Sociedade, a possibilidade de uma definição concreta e definitiva sobre o conceito de ideologia fica dificultada, pois a própria tentativa de conceitualizar qualquer tema merece alguns cuidados, no sentido de ser preciso, para definir, capturar a objetividade, por meio do conceito já fixado, o que resulta na resistência de se deixar definir. Assim, para formular uma definição, torna-se necessário “refletir precisamente sobre a coisa mesma, a qual é recortada pela definição com vistas a facilitar seu manejo conceptual” (ADORNO, 1995, p. 182).

Para Crochík, a ideologia não pode ser compreendida “sem a análise da sociedade que a configura, deve-se sempre ter presente a estrutura social que lhe dá origem, ocultando-se sob ela, e a consciência à qual se destina.” (2011d, p. 126). A sociedade atual ao ser fragmentada, apresenta várias formas de ideologia, as quais encobrem a capacidade do indivíduo ver as contradições, bem como são favoráveis à lógica que prevalece. Ao discutir sobre as formas de manifestação da ideologia, o autor referido observa: “ela se expressa quer em sua forma liberal, quer como mentira manifesta, quer como racionalidade tecnológica” (2011e, p. 171). O que condiz com as contradições existentes no movimento histórico, em que o novo convive com o antigo nesse movimento.

Dessa maneira, a ideologia liberal, própria do capitalismo concorrencial, e a tecnicista – ela mesma parte daquela – continuam a coexistir com a atual forma de ideologia; ao mesmo tempo, a tecnicista, por ser a expressão do exagero da razão instrumental, não

deixa de fortalecer a existência da ideologia que perpetua a irracionalidade social e individual. (CROCHIK, 2011e, p. 171)

Também preocupados em explicar a transformação do fenômeno da ideologia, com advento da sociedade totalmente administrada, Horkheimer e Adorno (1973a), no texto “Ideologia”, discutem as diferenças entre a ideologia clássica e a ideologia fascista e as mudanças estruturais e as funções históricas da ideologia e do seu conceito. Para isso, justificam a necessidade de abordar a relação entre a ideologia e o ideário burguês.

Todos os motivos conceptuais que provêm da pré-história do conceito de ideologia pertencem a um mundo em que ainda não existia uma sociedade industrial desenvolvida e quase não se duvida de que a liberdade seria obtida, efetivamente, com a realização da igualdade formal dos cidadãos. (HORKHEIMER; ADORNO; 1973a, p. 190)

Os pensadores frankfurtianos chamam a atenção à generalização desse conceito na linguagem científica e enfatizam que as condições gerais da constituição de uma pseudoconsciência estavam estabelecidas no começo da moderna sociedade burguesa. Ademais, ao prescindir de algumas tendências da filosofia grega oposicionista, reportam-se a Francis Bacon⁴, devido ao fato desse filósofo ter declarado a sua luta contra os ídolos e os preconceitos coletivos que primavam sobre os indivíduos no advento da sociedade burguesa.

Para Bacon, o entendimento venceria a superstição, o conhecimento imperaria na natureza desencantada e, aos indivíduos, possibilitaria a capacidade de pensar por si. Contudo, Horkheimer e Adorno (1973a) observam que, no pensamento baconiano, o engano foi atribuir a falsa consciência a um caráter constitutivo do homem e não às condições concretas que fazem com que o homem seja o que é, ou o que é subentendido como massa. Desse modo, ao desconsiderar as condições objetivas, a ideologia em Bacon acabou por ser conceituada de maneira subjetivista.

Ao atribuir a falsa consciência a um caráter constitutivo dos homens ou o seu agrupamento em sociedade, de um modo geral, não só se omitem as suas condições concretas mas, de certa maneira, justifica-se essa cegueira como lei natural e o domínio exercido sobre quem a sofre [...] (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 186).

⁴ Especificamente, na obra *Novum Organum*, publicada em 1620.

Conforme esclarecem Horkheimer e Adorno (1973a) o surgimento da palavra ideologia foi apresentado pelo filósofo francês Destutt de Tracy⁵, o qual adotou o termo ‘ideólogos’ para se referir aos estudiosos das ideias e, afirmou que a ideologia deveria conjugar a certeza e a segurança. O conceito de ideologia, para De Tracy, assinala o estudo científico das ideias, as quais se reduzem às leis que as governam, isto é, às leis naturais, pois o rigor metódico da ciência deveria sanar o caráter subjetivista. Para os ideólogos, confiantes no princípio de que a consciência é que determina o ser, a ciência suprema deveria ser uma ciência dos homens, capaz de suprir as bases para toda a vida política e social, reiteram Horkheimer e Adorno (1973a).

Marx e Engels (2007), no estudo a respeito da ideologia, presente na obra “A ideologia alemã”, já faziam severas críticas às proposições dos ideólogos. Para os autores germânicos, a produção das ideias não poderia ser analisada separadamente das condições sociais e históricas nas quais elas surgem. Dessa maneira, compreendiam a ideologia a partir do processo histórico e das condições objetivas da sociedade.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (MARX; ENGELS, 2007, p. 47)

Ao ser configurada como instrumento de dominação, a ideologia liberal, auxilia na difusão de ideias como verdades para a existência dos sujeitos. Isso possibilita alienar a consciência da verdadeira realidade e, leva à constituição de uma falsa consciência em relação a certezas socialmente determinadas e impostas, com o objetivo de garantir a ordem social vigente de uma classe sobre a outra, como explicam Marx e Engels (2007).

⁵ Principalmente às discussões presentes em seu livro intitulado “Elementos de Ideologia” de 1801.

Cada nova classe instaura sua dominação somente sobre uma base mais ampla do que a da classe que dominava até então, enquanto, posteriormente, a oposição das classes não dominantes contra a classe então dominante torna-se cada vez mais aguda e mais profunda. (MARX; ENGELS, 2007, p. 49).

Assim, a crítica, dos referidos autores, estava voltada à ideologia que oprimia os indivíduos e cuja função era justificar a realidade social, analisando-a por meio da aparência de seus fenômenos em detrimento de sua essência, e, com isso, negar a possibilidade de sua transformação. Dessa maneira, servia à perpetuação da dominação, ao mascarar as fontes que poderiam emancipar o homem de seu próprio aprisionamento.

Horkheimer e Adorno (1973a) explicam que o estudo da ideologia possui um status e um lugar específicos, desse modo, não se trata mais de entendê-la apenas como uma falsa consciência, visto que ela também constitui uma aparência socialmente necessária.

Esta (ideologia), como consciência objetivamente necessária e, ao mesmo tempo, falsa, como interligação inseparável de verdade e inverdade, que se distingue, portanto, da verdade total tanto quanto da pura mentira, pertence, se não unicamente à nossa sociedade, pelo menos a uma sociedade em que uma economia urbana de mercado já foi desenvolvida. Com efeito, *a ideologia é justificação*. Ela pressupõe, portanto, quer a experiência de uma condição social que se tornou problemática e como tal reconhecida mas que deve ser defendida, quer, por outra parte, a ideia de justiça sem a qual essa necessidade apologética não subsistiria e que, por sua vez, se baseia no modelo de permuta de equivalentes. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 191, grifos dos autores).

Portanto, a ideologia como justificação dirige o indivíduo e, nesta pesquisa especificamente, o trabalhador, que ao defender um conjunto de ideias como sendo verdadeiras e representantes de suas necessidades, as coloca em prática como ideal, por aderir a elas. Isso decorre da eficiência do aparato técnico que, atualmente, mantém a ideologia e, como mentira manifesta, não possibilita que a realidade não possa ser pensada para além do que está estabelecido.

Crochík (2011e) diz que a ideologia configurada como falsa e verdadeira ao mesmo tempo, na forma liberal do capitalismo; era verdadeira, pelo seu conteúdo e por propor pensar para além do existente, e falsa, por negar o que não possibilita a sua realização. No entanto, atualmente, a ideologia converteu-se na mera afirmação

de que a realidade, como aparece, não pode ser diferente e tem impedido uma crítica racional à ideologia.

Segundo Horkheimer e Adorno (1973a), a crítica à ideologia só é possível uma vez que na ideologia contenha subsídios de racionalidade. Na fase revolucionária da burguesia, as dimensões do racional e do irracional eram mais explícitas, as possibilidades dadas pela crítica ideológica eram mais perceptíveis, pois continham uma certa racionalidade no estabelecimento das suas relações, de seus ideais. Contudo, na atual sociedade, administrada pela razão instrumental, torna-se mais difícil, visto que a realidade tem sido convertida em ideologia, e os elementos da razão emancipatória, da racionalidade, têm sido enfraquecidos, dado que tudo está posto e determinado.

A crítica da ideologia totalitária não se reduz a refutar teses que não pretendem, absolutamente, ou que só pretendem como ficções do pensamento, possuir uma autonomia e uma consistência internas. Será preferível analisar a que configurações psicológicas querem se referir, para servirem-se delas; que disposições desejam incutir nos homens com suas especulações, que são uma coisa inteiramente distinta do que se apresenta nas declamações oficiais. (HORKHEIMER; ADORNO; 1973a, p. 192)

Dessa forma, para além de criticar o conteúdo da ideologia, torna-se necessário entender o porquê e como a sociedade contemporânea produz indivíduos motivados a se comportarem e a pensarem de acordo com algo manifestadamente falso. E, para isso, como já dito nas discussões anteriores, torna-se imprescindível compreender que as modificações da ideologia são retratos de transformações na estrutura da sociedade, na qual, em seu conteúdo, encontra-se a realidade da ideologia, como afirmam Horkheimer e Adorno (1973a).

Nesse contexto, as transformações da sociedade contemporânea, advindas pelo “progresso” e desenvolvimento da ciência e da tecnologia, culminaram nas mudanças na forma como a ideologia tem se manifestado na realidade social. A ideologia contemporânea tem sido configurada, asseguram Horkheimer e Adorno (1973a), como um estado de conscientização e de não-conscientização dos indivíduos, com o objetivo de garantir a reprodução desse estado, que se caracteriza mais pela ausência da autonomia e não pela simulação de uma pretensa autonomia.

A ideologia, em sentido estrito, dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes, mediatas e, nesse

sentido, até atenuadas. Mas, por tudo isso, a sociedade atual, erroneamente acusada de excessiva complexidade, tornou-se demasiado transparente (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 193).

Essa referência à ideologia como falsa consciência socialmente determinada não tem as mesmas características daquela criticada por Marx e Engels (2007). Pois, àquela cabiam críticas por possuir elementos de racionalidade, de veracidade, no confronto dos conceitos entre aquilo que se prometia e o que se cumpriu, no processo histórico.

Em contrapartida, e por compreender que a ideologia muda tanto quanto seu objeto, a ideologia, quando manifestada em sua forma fascista, não tem nada de racional.

A falsa consciência de hoje, socialmente condicionada, já não é espírito objetivo, nem mesmo no sentido de uma cega e anônima cristalização, com base no processo social; pelo contrário, trata-se de algo cientificamente adaptado à sociedade. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 200).

Cabe questionar: o que faz com que o sujeito defenda a ideologia que o oprime?

A justificativa dessa adesão é permeada por argumentos formais, racionais, técnicos, que ilustram a plena adaptação: deve-se trabalhar para aumentar a riqueza social (quando a riqueza existente é suficiente para eliminar a miséria da terra) e para melhorar as condições da vida individual (quando já poderíamos reduzir consideravelmente a jornada de trabalho e ter tempo para viver); deve-se estudar para obter melhores empregos (quando, pelo avanço da automação e redução do mercado de trabalho, os empregos são cada vez mais raros); deve-se votar corretamente para a escolha de um bom dirigente político (quando os limites da ação política são restritos) (CROCHIK, 2011d, p. 121-122).

Visto que:

(...) hoje, o homem adapta-se às condições dadas em nome do realismo. Os indivíduos sentem-se, desde o começo, peças de um jogo e ficam tranquilos. Mas, como a ideologia já não garante coisa alguma, salvo que as coisas são o que são, até a sua inverdade específica se reduz ao pobre axioma de que não poderiam ser diferentes do que são. Os homens adaptam-se a essa mentira mas, ao mesmo tempo, enxergam através de seu manto. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 203).

Diante da realidade convertida em ideologia de si mesma, “bastaria ao espírito um pequeno esforço para se livrar do manto dessa aparência onipotente, quase sem sacrifício algum” (HORKHEIMER E ADORNO, 1973a, p. 203), mas esse movimento parece ser bastante custoso; por um lado porque, ao se fazer mentira manifesta, a ideologia fica aquém da crítica por sua irracionalidade. Por outro lado, ainda permanece a contradição entre a aceitação e a possibilidade de resistência. Isso porque a ideologia tem implicado, através dos mecanismos ideológicos, a forma de perceber o mundo, antes mesmo de pensar sobre esse mundo. Essa influência tem sido ratificada pelos produtos da Indústria Cultural que, conforme os autores frankfurtianos, dispõem-se tal qual o *a priori* kantiano, visto que têm pensado por nós, ao apresentar o mundo e selecionar nele o que temos que fazer.

O termo Indústria Cultural foi pensado por Horkheimer e Adorno (1985), para se referir ao fenômeno da cultura de massas, para adequação das obras culturais à uma lógica de mercado, tipicamente industrial que, diferentemente de um acesso eficaz, oferece às massas uma mercadoria falsificada e empobrecida, cujo objetivo tem sido o lucro, a adaptação, a padronização e a dominação, ante uma cultura que atribui a tudo um ar de equivalência. A justificativa é que os produtos da Indústria Cultural, os meios de comunicação em massa, que corroboram ao que está determinado pela ideologia vigente, eliminam, e até condenam, tudo o que rejeitar a subordinação.

A indústria cultural reflete a irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia, como racionalidade da manipulação das massas. A indústria cultural obscurece por razões objetivas, aparecendo como uma função pública da apropriação privada do trabalho social. Na continuidade de seu próprio desenvolvimento, o esclarecimento se inverte em obscurantismo e ocultamente. Para Adorno, a indústria cultural corresponde à continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de Auschwitz, a racionalização da linha de produção – seja fordista, seja flexível – do terror e da morte. (MAAR, 2006, p. 21-22).

Ao pensar sobre a adesão do sujeito àquilo que não é racional, cabe lembrar o que dizem Adorno e Simpson (1986), no ensaio “Sobre música popular”, os autores analisam os mecanismos acionados pelo indivíduo para se deixar enganar pelos artifícios da Indústria Cultural que reproduz constantemente o mesmo tipo de música e, ao examinarem a reação dos fanáticos pela música popular, investigam a reação da massa nos regimes fascistas. Cabe destacar que a música popular tratada

pelos autores, nessa obra, refere-se à música comercial, padronizada, construída a partir da imposição dos interesses comerciais.

Na reflexão sobre a questão da popularidade da música popular, os autores fazem referência aos hábitos de audição em massa e dizem que o indivíduo, ao ouvir uma canção específica, aparentemente está livre para aceitá-la ou não. Porém, pela promoção e pelo apoio dado à canção pelas instituições que fortalecem os mecanismos da Indústria Cultural, o ouvinte fica prejudicado na liberdade de dizer o não, que talvez ainda tivesse em relação à canção.

Nesse sentido, dizer que a música popular tem atuado como elemento ideológico não seria um abuso, pois a música quando fetichizada aproxima esse conceito do próprio conceito de ideologia. Como já discutido anteriormente, Horkheimer e Adorno (1973a) afirmam que, na sociedade atual, altamente tecnificada e com o capitalismo desenvolvido, a ideologia tornou-se uma afirmação mentirosa, diferentemente da ideologia liberal que possibilitava mirar para além do existente, ainda que, na prática, fosse negado o acesso a essas condições. No entanto, a ideologia faz-se a falsa consciência, porém não só falsa: “a cortina que se interpõe, necessariamente entre a sociedade e a compreensão social da sua natureza expressa, ao mesmo tempo, essa natureza, em virtude do seu caráter de cortina necessária”, explicam Horkheimer e Adorno (1973a, p. 199). Assim, a ideologia, é falsa à medida que pretensamente esgota e paralisa questões em movimento, já que as coisas poderiam ser diferente do que são e estão.

Adorno e Simpson (1986) examinam que a reação dos fanáticos, os chamados *jitterbugs*⁶ (insetos nervosos), pela música popular, à primeira vista, parece confirmar a postura do abandono da espontaneidade, pois eles têm privadas as manifestações de livre-arbítrio. No entanto, esse caráter ideológico assumido pela música não tem sido um completo impeditivo para a compreensão dos sujeitos acerca da armadilha na qual se mantêm. E, ao analisarem as reações das massas nos regimes fascistas, os autores enfatizam que não se pode iludir com a aceitação de

⁶ Ao comparar os homens a inseto, Adorno e Simpson (1986, p. 144) afirmam que “à primeira vista a tese da aceitação do inevitável parece não indicar nada mais do que o abandono da espontaneidade: os indivíduos são privados de quaisquer resíduos de livre-arbítrio em relação à música popular e tendem a produzir reações passivas em relação ao que é dado a eles, tornando-se meros centros de reflexos condicionados. O termo etimológico *jitterbug* sublinha isso. Refere-se a um inseto [*bug*] que tem espasmos e que é atraído passivamente por algum estímulo dado, como a luz. A comparação dos homens a insetos sugere o reconhecimento de que os homens tenham sido privados de vontade autônoma.”

que a espontaneidade dos indivíduos foi substituída pela cega aceitação. Pois, segundo eles, na administração autoritária, a mentira manifesta, na qual ninguém realmente acredita, tem, cada vez mais, tomado o lugar das ideologias anteriores, que possuíam o poder de seduzir os que acreditavam nelas.

Outrossim, na sociedade atual, a espontaneidade tem sido consumida pelo esforço que o indivíduo realiza para aceitar o que lhe é imposto, pois o movimento de compreensão das armadilhas exige um vigor contrário ao esforço de aderir à falsa promessa, visto que, para se tornar um inseto, não é simplesmente desistir de si mesmo e alienar-se. “Para transforma-se em um inseto, o homem precisa daquela energia que eventualmente poderia efetuar a sua transformação em homem”, enfatizam Adorno e Simpson (1986, p. 146).

Portanto, a relação do ouvinte que tem sido lapidado mediante produtos da Indústria Cultural com a música, a qual, por sua vez, também chega a este via o mesmo meio, demanda atenção por sua potencialidade: os ouvintes tanto podem aderir ao que é sugerido às massas como podem recusar essa forma de relação com a música.

Evidentemente, pensar essa potencialidade traz desafios, pois a Indústria Cultural vem se tornando onipresente, enquanto os momentos de crítica e reflexão perdem espaço. “Precisamente porque a ideologia e a realidade correm uma para a outra; porque a realidade dada, à falta de outra ideologia mais convincente, converte-se em ideologia de si mesma”, explicam Horkheimer e Adorno (1973a, p. 203).

Ainda assim, ou justamente por isso, faz-se necessário compreender as condições objetivas e a formação do indivíduo na sociedade atual, para que então seja possível refletir acerca das (im)possibilidades de sua formação. Assim sendo, no próximo capítulo, buscou-se articular a discussão sobre a formação do indivíduo na sociedade contemporânea frente a essas determinações, as quais têm caracterizado o peso da administração total na vida das pessoas e nas relações de trabalho.

4. A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA CONTEMPORANEIDADE

As questões sistematizadas nos capítulos anteriores foram fundamentais para compreender as transformações na organização da sociedade e suas contradições, bem como entender a ideologia vigente na sociedade atual e suas implicações nas relações que são estabelecidas não só no ambiente laboral como nas demais esferas da vida dos trabalhadores. Este capítulo, tem como propósito discutir sobre o processo de formação do indivíduo e o quanto tem sido controlada a constituição da subjetividade dos sujeitos pela introjeção dos aspectos ideológicos existentes. Por isso, pensar sobre a formação do indivíduo implica analisar como a ideologia incide sobre a vida do indivíduo e entender que papel cumpre a ideologia sobre a formação do trabalhador na sociedade contemporânea.

4.1 SERÁ QUE ESTAMOS FADADOS A ROLAR PEDRA PARA SEMPRE?

“Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.”

(CAMUS, 1942, p. 74)

Camus, escritor amante da vida, mesmo ciente de suas contradições, em seu texto “O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo” (1942) disserta sobre o “absurdo” e a “revolta” e suas armadilhas do cotidiano. Sua obra, ao retomar a mitologia grega para problematizar a condição do homem no mundo, explica que a vida dos homens tem sido tal como o castigo de Sísifo⁷, ou seja, seguir uma rotina diária, sem sentido ao aceitar os preceitos da religião e do sistema capitalista de produção. Assim, ao realizar um paralelo de Sísifo com os trabalhadores no mundo administrado, pode-se observar que a vida cede espaço para a rotina que se resume a levantar de manhã, trabalhar, comer e reproduzir-se. Tal rotina não possui sentido inteligível já que se refere a modos de pensar que se impõem ao indivíduo sem que ele se oponha a esse estilo vida, como se não houvesse escolhas a serem feitas. E, sem estas, as atitudes tornam-se padronizadas.

⁷ Por enganar os Deuses, Sísifo recebeu uma punição eterna: seu castigo consistia em rolar diariamente uma pedra montanha acima até o cume. Ao chegar ao topo, a pedra rolava novamente abaixo da montanha e no outro dia ele deveria começar tudo novamente e assim para todo o sempre. (CAMUS, 1942).

O significado histórico da obra em questão, de Camus, ao discutir a filosofia do absurdo da vida e, em especial, sobre o esforço despendido por Sísifo, cabe, em analogia, à vida dos trabalhadores em linha de produção. Contudo, para Camus, o que vale é a falta de sentido da vida, enquanto, para os autores frankfurtianos, a vida tem sido tornada um absurdo, ante o próprio (des)encanto da ideologia na vida das pessoas.

Pensar sobre tais questões, e ao intentar estudar a formação do indivíduo e a constituição da subjetividade, requer entender os determinantes objetivos da sociedade e considerar a importância de sua constituição para refletir sobre a realidade. Crochík (2011b) explica que a categoria subjetividade deve ser analisada, ao percorrer tais determinações que buscam compreender a possibilidade de realização do indivíduo, e a constituição de sua individualidade.

A formação deve se destinar à diferenciação do indivíduo em relação ao seu meio, com o qual se vê confundido por ocasião de seu nascimento. A subjetividade assim define-se por um terreno interno que se opõe ao mundo externo, mas que só pode surgir deste. Sem a formação do indivíduo, este se confunde com o seu meio social e natural. Tal subjetividade se desenvolve pela interiorização da cultura, que permite expressar os anseios individuais e criticar a própria cultura que permitiu a sua formação. (CROCHIK, 2011b, p. 102-103).

Assim, ao se levar em conta as discussões de Camus (1942), fica clara a dificuldade de constituição da subjetividade para a vida dos trabalhadores. Pois, como observa Crochík (2011b), para além do fundamento das circunstâncias atuais, o entendimento sobre a subjetividade também é fruto de um projeto histórico - determinado pelas condições concretas da vida, mas que aponta para a superação dessa determinação – e, por isso, requer a compreensão histórica sobre o indivíduo. Desse modo, vale discutir os estudos de Horkheimer e Adorno (1973b) que, no texto “Indivíduo”, com intuito de explicarem a relação entre indivíduo e sociedade indicam que a sociologia clássica tem dirigido a sua atenção mais à totalidade do que ao indivíduo. Para isso, retomam explicações acerca do indivíduo de acordo com o pensamento de filósofos como: Descartes e o conceito de autonomia do eu, na primazia do “Eu sou” e “Eu penso”; Kant e a percepção transcendente e a autonomia moral; Fichte e o eu absoluto; Husserl e a consciência pura, dentre outros. Nesse sentido, observam que o conceito de indivíduo, desde o seu aparecimento, quis sempre designar algo concreto, fechado e autossuficiente. Contudo, para os autores

frankfurtianos, a constituição do indivíduo está vinculada às relações entre ele e a sociedade e, por isso, explicam que o indivíduo ganhou significado a partir do momento em que as condições objetivas possibilitaram a sua existência.

O indivíduo, num sentido amplo, é o contrário do ser natural, um ser que, certamente, se emancipa e afasta das simples relações naturais, que está desde o princípio referido à sociedade, de um modo específico, que, por isso mesmo, recolhe-se em seu próprio ser. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b, p. 53).

Os autores explicam que não foi por mero acidente que, em meados do século XVIII, o termo indivíduo passou a ser referido ao homem singular. Naquele período, houve intensas transformações na sociedade: a ascensão da sociedade burguesa; o ideal iluminista de esclarecer a razão; a Revolução Francesa e seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade; as Revoluções Industriais e suas mudanças no processo produtivo, as quais assinalaram alterações nas relações de trabalho.

Com a entronização do princípio de concorrência, a eliminação dos limites das ordens correlativas e o início da revolução técnica na Indústria, a sociedade burguesa desenvolveu um dinamismo social que obriga o indivíduo econômico a lutar implacavelmente por seus interesses de lucro, sem se preocupar com o bem da coletividade. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b, p.53).

Pensar em tais acontecimentos históricos, objetiva esclarecer que a formação do indivíduo e sua diferenciação ocorre através das condições sociais, pela incorporação da cultura. Não que isso signifique um determinismo, no qual o indivíduo deva se adaptar à essa sociedade; mas, sim, que ele se aproprie da cultura para se tornar sujeito, conforme analisa Crochík (2011a). Desse modo, “a formação do indivíduo ocorre na relação sujeito-objeto, e a distinção entre esses dois polos e a predominância de um deles sobre o outro apresentam problemas na sua constituição.” (CROCHÍK, 2011a, p. 19).

E, mais:

A fusão entre cultura e sociedade, pela regressão da primeira à racionalidade da última, dificulta a crítica ao existente, uma vez que a crítica não pode prescindir da distância ao que é criticado; se essa distância foi reduzida pela afirmação do que há, a perspectiva de se entender historicamente um objeto tem dificuldades de se desenvolver. A crítica se reduz a possibilidade do aperfeiçoamento do existente, de aperfeiçoar os mecanismos de dominação existentes: o indivíduo considerado capacitado é o que consegue aumentar o

controle sobre a natureza, sobre os outros homens e sobre si mesmo. (CROCHÍK, 2011a, p. 16-17).

Em outra análise a respeito da formação do indivíduo na sociedade contemporânea, Adorno (1996), na obra Teoria da semicultura, discorre sobre o colapso nos mecanismos de formação e que isso indica uma crise mais ampla da própria cultura. Pois, a formação cultural tem se convertido em uma semiformação socializada, que antecede à consciência alienada.

Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas, sua rusticidade – a velha ficção – preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada. Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. (ADORNO, 1996, p. 389)

O autor ressalta que a formação cultural não impediu a ascensão de regimes totalitários, porque “havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo” (p. 389). Por isso, para sua teoria, “a ideia de cultura não pode ser sagrada” (ADORNO, 1996, p. 389), por ser a formação um processo subjetivo, cujo correlato é a cultura propriamente dita, essa formação cultural dada, como um fim em si mesma, absolutiza-se e substancia a própria semiformação.

Do mesmo modo que o termo indivíduo passou a ter importância com o progresso da sociedade burguesa, Adorno (1996) reforça que o conceito de formação emancipou-se com a burguesia.

A formação não foi apenas sinal da emancipação da burguesia, nem apenas o privilégio pelo qual os burgueses avantajaram-se em relação às pessoas de pouca riqueza e aos camponeses. Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, como gerente ou como funcionário. Assim que a sociedade burguesa se consolida, as coisas já se transformam em termos de classes sociais. (ADORNO, 1996, p. 392).

Assim, as consequências dessa formação para a vida dos trabalhadores não certificaram o poder da classe operária e nem o proletariado se uniu ao chamado da razão emancipador, segundo o prognóstico marxiano⁸. Em contrapartida, o

⁸ Para Marx a revolução proletária possibilitaria mudar as organizações sociais do mundo capitalista.

pensador frankfurtiano acrescenta que foram os donos do poder que monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia, na qual as camadas desfavorecidas da população tornaram-se presas do modo atual da ideologia, isto é, da Indústria Cultural.

(...) a contradição entre formação cultural e sociedade não apresenta como resultado apenas uma incultura do antigo estilo, a camponesa. Hoje as zonas rurais são sobretudo focos de semicultura. O mundo pré-burguês de idéias, essencialmente vinculado à religião tradicional, rompeu-se ali subitamente, o que muito se deve aos meios de comunicação de massa, em especial, o rádio e a televisão. O campo foi conquistado espiritualmente pela indústria cultural. No entanto, o *a priori* do conceito de formação propriamente burguês, a autonomia, não teve tempo algum de constituir-se e a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra. No lugar da autoridade da Bíblia, instaura-se a do domínio dos esportes, da televisão e das “histórias reais”, que se apoiam na pretensão de literalidade e de facticidade aquém da imaginação produtiva. (ADORNO, 1996, p. 393, grifos e destaques do autor).

Então, o conceito de formação cultural tradicional subentende uma sociedade igualitária, na qual a todos seria permitido, sob as mesmas condições, buscar a ascensão na hierarquia social. Porém, dado que toda a produção material e espiritual tem sido formada sob a divisão desigual do trabalho intelectual e manual e sob admissão do valor de uso ao valor de troca da mercadoria, a formação cultural, na sociedade atual, pode não concretizar a promessa de uma sociedade livre, igualitária e racional, pois tem sido movida a manter as condições objetivas de desigualdades, de semiformação.

[...] a totalitária figura da semiformação não pode explicar-se simplesmente a partir do dado social e psicologicamente, mas inclui algo potencialmente positivo: que o estado de consciência, postulado em outro tempo na sociedade burguesa, remeta, por antecipação, à possibilidade de uma autonomia real da própria vida de cada um — possibilidade que tal implantação rechaçou e que se leva a empurrões como mera ideologia. (ADORNO, 1996, p.396).

Em outra referência, ao problematizar a relação entre a formação do indivíduo e o trabalho, na sociedade capitalista, Maar (2006) esclarece sobre a possibilidade de a educação ser de fato um processo formativo e ético para o indivíduo, tendo como base a sua emancipação, no sentido de tornar os homens, de fato, sujeitos com determinações históricas. Isso significa que essa possibilidade deve residir na compreensão do presente histórico e da recusa em aceitar um curso

determinado para a história, para que os indivíduos compreendam a necessidade de interferir nos rumos da sociedade e, assim, romper com as condições sociais e objetivas existentes. A experiência formativa, portanto, implica a “transformação do sujeito no curso do seu contato transformador com o objeto na realidade” (MAAR, 2006, p.25).

Contudo, o autor ressalta que, nesta sociedade, o modelo de experiência formativa consiste na própria dialética do trabalho, visto que ela acompanha todo o processo de transformação das relações de trabalho. No capitalismo, a forma social assumida pelo trabalho tem se caracterizado pela conversão progressiva de ciência e tecnologia em forças produtivas, e a formação que conduziria à autonomia dos trabalhadores tem levado esses à perda da capacidade de reflexão crítica.

Assim, a fusão entre a cultura e sociedade, citada anteriormente, anula a formação do indivíduo, por esta ser imediatamente controlada, o que impossibilita a sua diferenciação. Segundo Maar (2006), a formação tem se limitado a uma semiformação, a uma falsa experiência restrita à satisfação provocada pelo consumo de bens culturais, em prol da uniformização. Desse modo, “o conceito de semiformação constitui a base social de uma estrutura de dominação” (MAAR, 2006, p. 23), pois “a perda da capacidade de fazer experiências formativas não é um problema imposto de fora à sociedade, acidental, e nem é provocado por intenções subjetivas, mas corresponde a uma tendência objetiva da sociedade, ao próprio modo de produzir-se e reproduzir-se da mesma” (MAAR, 2006, p. 26).

Ao considerar essa tendência, Meneses (2008) enfatiza a ideia de que a formação do indivíduo, na sociedade atual, tem sido voltada para atender às ambições do capital e sua ideologia. Dessa forma, o trabalho se torna uma necessidade fundamental para a manutenção da vida desse indivíduo, e resta a ele, por sua vez, “entrar no ‘time’ do mercado e participar de seu ‘jogo’.” (p. 57).

O interesse em apenas manter um posto de trabalho com carteira assinada, o objeto de desejo de muitos trabalhadores nos dias atuais, torna evidente o sentimento de impotência frente à ordem existente. Obviamente, esse anseio, como já observado, alia-se à submissão exigida e, dessa forma, torna incessível a capacidade de reflexão para desvelar que as novas técnicas estabelecidas para formar o indivíduo – profissionalizá-lo – vêm com a velha fórmula da dominação travestida de roupagem nova. (MENESES, 2008, p. 60).

Ainda reforça que “o demasiado apego à regularidade do trabalho tem impedido os indivíduos de pensar em uma vida na qual o trabalho não esteja articulado à necessidade de desempenho, de sacrifício, mas emancipado do poder exercido pelo capital.” (MENESES, 2008, p. 93). Dessa maneira, a formação do indivíduo voltada ao trabalho e associada à racionalidade tecnológica dificulta aos indivíduos exercerem controle sobre o que ocorre em suas vidas e acaba por impulsionar o estabelecimento da relação de servidão do trabalhador. Isso demarca a dependência total do trabalhador em relação ao sistema imposto pelo capital, que o leva a perder a capacidade de diferenciar-se e, conseqüentemente, de constituir a subjetividade.

Crochík (2011b) chama a atenção, ao discutir sobre os desafios atuais do estudo da subjetividade, para a necessidade de o indivíduo apropriar-se das categorias do pensamento preservadas pela cultura; sendo a subjetividade resultado tanto das circunstâncias atuais quanto do projeto histórico, este determinado pelas condições objetivas da sociedade, aponta à necessidade de superá-las para que o indivíduo possa se apropriar das mesmas e seja dono de sua vida. Assim, a possibilidade de um indivíduo emancipado decorre do projeto de cultura o qual “como realização da natureza humana define-se, dessa forma, pelo enfrentamento do que ameaça o homem, presente tanto nos desafios da natureza quanto nas regras de relacionamento humano criadas por ela”, elucida Crochík (2011b, p. 102).

Nos termos do autor em questão, e conforme explicado anteriormente, a constituição da subjetividade está mediada pela cultura e implica a capacidade de o indivíduo se adaptar, de ir além do que está determinado, de pensar e criticar, podendo se expressar de forma autônoma. No entanto, uma cultura que não preza pela individualidade gera no indivíduo a necessidade do desenvolvimento de comportamentos que sigam a lógica da cultura. Por isso, na atual sociedade, torna-se incerto supor que a dialética entre o indivíduo e a cultura seja simétrica, uma vez que a ideia de cultura, que tem sido produzida continuamente pelo indivíduo, tem seus interesses objetivos submetidos à garantia de sua autoconservação e conduzido os indivíduos a manter tipos de comportamentos que são dos seus representantes.

Se o indivíduo deve introjetar a cultura para se construir, a formação do ego não pode prescindir da racionalidade que permite a crítica àquela; contudo, quando essa racionalidade se ausenta, no momento em que se separam os meios dos fins e os primeiros são considerados como fins em si mesmo, os comportamentos irracionais vêm à tona.

Assim, mesmo em relação aos comportamentos individuais, as categorias sociais são determinantes (CROCHÍK, 2011c, p. 92).

Porém, com a distância entre o indivíduo e a sociedade, pouco se pensa nas condições objetivas da sociedade e na capacidade que essas têm de determinar os comportamentos individuais. Em contrapartida, importa a história de vida dos indivíduos para entender as suas ações, o que leva a total responsabilização dos indivíduos.

Se o indivíduo se constitui no seio das relações sociais, os seus interesses devem ser procurados dentro dessas e não em si mesmo. Com isso não se está dizendo que o domínio psicológico não tenha uma verdade distinta da esfera social, mas que mesmo essa verdade deve ser remetida ao que a sociedade exige do indivíduo para a sua adaptação. (CROCHÍK, 2011c, p. 95).

Esse autor, ao dialogar com Horkheimer e Adorno, indica que, devido a essa compreensão imediata da vida na sociedade, pela dificuldade de diferenciação entre o público e o privado, há fragilidade da constituição do eu. Consequentemente, a subjetividade que se desenvolveria pela interiorização da cultura, para expressar as vontades individuais e criticar a própria cultura que permitiu a sua formação, não tem se desenvolvido dessa maneira.

A subjetividade não se desenvolve mais a partir da interiorização da cultura como outrora, porque a experiência, no limite, foi suprimida. A existência de um eu presente em cada reflexão que permite a continuidade; e, portanto, a história individual é substituída pela mudança contínua do indivíduo que deve se adaptar a cada nova situação, abandonando o que sabia anteriormente. É mais adaptável o que não tem princípios e convicções, o que percebe as regras existentes em cada situação e as utiliza a seu favor para atingir seus objetivos, nem sempre racionais. (CROCHÍK, 2011a, p. 18).

Dessa forma, o sujeito tem deixado de reconhecer os determinantes objetivos de sua condição e as possibilidades de transformação da sociedade que poderiam romper com a dominação existente. Em razão disso, a consciência tem aderido às falsas imposições consolidadas pela pseudoformação. Isso porque,

A percepção do mundo é reduzida às formas existentes, tarefa cumprida com êxito pela indústria cultural, que molda o mundo a ser apresentado segundo as conveniências de seus patrocinadores; o pensamento é reduzido à matemática, a fórmulas, a estereótipos, mas isso, obviamente, não é percebido: a acusação àqueles que contrapõem o socialismo ao capitalismo, ou aos que descrevem a

atual sociedade como totalitária, de que veem o mundo em preto e branco, é própria daquelas que defendem, sem perceber e sem entender, o horror. (CROCHÍK, 2011a, p. 16).

Isso significa que, ao valorizar o primado da forma, esse se torna o meio de expressão do sujeito, e as suas manifestações e possibilidades de julgamento ficam reduzidas, tornando tudo previsível e refletindo na objetificação do indivíduo; visto que “esse primado se expressa por leis, regras, normas, princípios, que subsumem a si toda particularidade dos objetos, procurando amoldá-los” (CROCHÍK, 2011a, p.15). Logo, a forma e o conteúdo, ao se misturarem, acabam por impossibilitar a distinção e a relação entre sujeito e objeto, substituindo a objetivação pela objetificação.

Se os homens não podem mais se identificar por meio de suas diferenças, mas somente por meio de uma racionalidade que de meio se converteu em fim, a identificação resultante é a negação da própria identificação. (CROCHÍK, 2011a, p. 29).

Frente a tais observações, a sociedade não tem sido mais reconhecida como determinante no processo de formação, e, sim, entendida como princípio necessário à convivência social. O sujeito perde a capacidade de perceber as contradições da sociedade e que a ordem existente nela pode ser modificada.

Adorno (1986), no texto “Capitalismo tardio ou sociedade industrial”, esclarece que, na sociedade atual, os processos sociais têm sido levados a um denominador comum, pois tudo é uno. Ao ser configurado dessa maneira, os processos de mediação produzem uma imediatez burlada, que permite ocultar e até anular da consciência o que é contrário.

Mas, essa consciência da sociedade é aparência porque, ainda que se dê conta da unificação tecnológica e organizatória, deixa de ver que essa unificação não é verdadeiramente racional, mas se mantém subordinada a uma regularidade cega e irracional. Não existe sujeito geral da sociedade. A aparência poderia ser traduzida na formulação de que tudo que existe socialmente está, hoje, tão completamente mediatizado em si que exatamente o momento da mediação acaba sendo deformado por sua totalidade. Já não há lugar fora da engrenagem social a partir do que se possa nomear fantasmagoria; só em sua própria incoerência é que se pode encaixar a alavanca. A isso é que, há decênios, Horkheimer e eu queríamos nos referir com o conceito de “véu tecnológico”. (ADORNO, 1986, p. 74).

Esse “véu tecnológico” fortalece a falsa identidade entre a organização do mundo e os indivíduos, pois com a total expansão da técnica, passa-se a adotá-la como algo em si mesma, que tem força e vida própria. Assim, a técnica configura uma nova forma de controle, que, como extensão das mãos do homem, possibilita a dominação do homem sobre o homem.

Marcuse (2015), quando trata sobre as formas de dominação exercida por essa sociedade, decorridas das transformações nas relações de trabalho ante o progresso técnico, afirma que o que dificulta o processo de individuação é justamente o fato de o indivíduo perder a capacidade de reconhecer as contradições da sociedade e ficar preso às amarras daqueles que são os donos do capital material e intelectual, perpetuando o ciclo de dominação e exploração. Assim sendo, a possibilidade existente para os indivíduos tem sido a adaptação, já que a maioria dos indivíduos só consegue se sentir parte do todo ao anular sua singularidade e aderir ao que está posto pela indústria cultural em detrimento de sua individuação. Como efeito, necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário. Este é reforçado pela insatisfação e pelo ódio, produzidos e reproduzidos pela própria imposição à adaptação.

Nesse sentido, retoma-se Camus (1942), por ter chamado atenção para as questões acerca do entendimento de como lidar com a vida em uma sociedade que administra todas as esferas da existência do indivíduo e a dificuldade de, ainda assim, continuar vivendo. Sísifo, ao desafiar a indiferença que o mundo lhe oferecia, abraça a vida o mais plenamente possível, mas sem nunca se deixar levar, esquecer ou negar a ausência de fundamentos racionais para a vida imposta pela racionalidade da técnica. Desse modo, se tais questões não forem avaliadas, rochas serão roladas ao cume todos os dias.

Como bem observa Crochík:

Se a subjetividade tem dificuldades de surgir em nossos dias, cabe denunciar a ideologia que a afirma, desdenhando as dificuldades de sua existência. Os educadores não deveriam pregar a autonomia, quando as condições para isso estão ausentes, e, sim, lutar para que essas condições apareçam; não deveriam reproduzir a sociedade existente, ainda que a adaptação seja importante, mas evidenciar que já existem condições objetivas – riqueza e conhecimentos reais ou potenciais – para que os homens possam ser donos de seu destino. (2010, p. 400).

Conforme as discussões até aqui sistematizadas sobre as relações de trabalho estabelecidas na sociedade capitalista, bem como a lógica vigente na sociedade e seus significados na constituição da subjetividade dos trabalhadores, cabe reiterar o pensamento de Imbrizi (2015), ao afirmar que a estrutura da sociedade contemporânea tem oferecido condições para a formação de homens práticos, porém tem impedido o exercício do que os caracteriza humanos: a sua capacidade de reflexão. Nos estudos apresentados no capítulo seguinte, fica claro o quanto que a formação do indivíduo e as relações entre os homens permanecem sepultadas sob as determinações da sociedade capitalista, em que a ordem das coisas continua a ser a própria ideologia.

5. TRABALHO, IDEOLOGIA E SUBJETIVIDADE: PESQUISAS

Para, também, refletir sobre as implicações ideológicas, presentes nas relações de trabalho, na formação do indivíduo, nesse capítulo discutem-se pesquisas científicas que contribuíram à melhor compreensão do objeto de estudo. Cabe salientar que ao buscar estudos realizados no contexto industrial, observou-se que são incipientes essas produções no campo da psicologia. Grande parte das pesquisas em indústrias referem-se, costumeiramente, aos aspectos: ‘Saúde e Segurança do trabalho’; ‘Qualidade de vida no trabalho’; ‘Gestão Produtiva’; ‘Gestão de Estoque’, decorrente de pesquisas realizadas pelas áreas da administração e das engenharias que almejam estudar a diminuição de riscos e prevenção de acidentes, cultura organizacional, fluxo e aumento de produtividade.

No que se refere aos estudos realizados na área da psicologia, em sua maioria, têm como base epistemológica a psicodinâmica do trabalho⁹ e estão voltados a compreender a relação de saúde mental e trabalho, e de prazer e sofrimento no trabalho. Sendo assim, as produções discutidas nesse capítulo buscaram analisar as transformações da sociedade, as relações de trabalho, a ideologia vigente nesta sociedade e a formação do indivíduo.

A pesquisa realizada por Moraes e Vasconcelos (2011), no livro “Subjetividade e trabalho com automação: estudo no Polo Industrial de Manaus”, objetivou mostrar as contradições e os conflitos implicados no processo de trabalhar, a falta de equilíbrio, provocada na vida social, e a falta de autonomia do trabalho, com trabalhadores de indústrias localizadas na Zona Franca de Manaus. E, apesar da abordagem teórica ser distinta da utilizada nesta pesquisa, esse estudo contribui para reflexões acerca do processo de intensificação da automação, da inserção acentuada da tecnologia no processo produtivo e suas implicações na subjetividade dos trabalhadores, os quais têm perdido a capacidade de refletir sobre o seu trabalho. Nesse sentido, o sujeito tem se aproximado cada vez mais da sua negação e das subjetividades patológicas, perdendo a capacidade de utilizar a inteligência prática,

⁹ A psicodinâmica do trabalho, fundada e propagada por Christophe Dejours, constitui uma abordagem epistemológica que estuda as relações dinâmicas estabelecidas entre as organizações de trabalho e o processo de subjetivação, para análise dos mobilizadores sociais do sujeito frente ao trabalho, do prazer no trabalho, do sofrimento e das defesas, das patologias e da busca da saúde, conforme explica Dejours (2007).

espaço de discussão, cooperação e reconhecimento, não havendo possibilidade para a expressão da subjetividade no trabalho.

O sujeito é negado quando se nega o sofrimento criativo e ético. Predominam as relações de dominação, que atuam ditando formas de agir “certas ou erradas” – uma violência simbólica, pois é uma relação de homens dominando homens, amoldando o indivíduo e sua consciência a partir da realidade objetiva que lhe é externa. (MORAES; VASCONCELOS, 2011, p. 30).

A pesquisa, em questão, realizada no polo industrial de Manaus, contou com a participação de trinta e quatro operadores, entre homens e mulheres, de sete empresas distintas, escolhidos devido ao tempo de serviço na função e por terem sido indicados pelos superiores hierárquicos, conforme a disponibilidade de tempo e possibilidade de liberação de cada um no momento das entrevistas. Essas que foram realizadas com roteiro semiestruturado.

Após análise do material coletado, os pesquisadores observam que o trabalhar com automação produz, para os trabalhadores, desafios para analisarem as atividades exercidas, ao exigir desses um novo olhar sobre a organização do seu trabalho. Tais conclusões dizem respeito ao fato de que, conforme a fala dos participantes, o trabalho tem sido marcado por divisão rígida de tarefas, com uma rotina de verificações e procedimentos associados às pressões por cumprimento de prazos e metas, sendo a tensão e as sobrecargas predominantes, o que são características marcantes do modelo toyotista, que exige um maior engajamento da subjetividade dos trabalhadores.

Ademais, em que pese as diferentes bases teóricas, a pesquisa de Moraes e Vasconcelos (2011) permitiu refletir sobre os aspectos marcantes do caráter irracional adotado pelo trabalho na sociedade atual, o qual não tem possibilitado a reflexão crítica do trabalhador acerca de sua atividade, diante do controle nele exercido sobre o corpo, do intelecto e da subjetividade nele exercido. Como discutido nos capítulos anteriores, as transformações no modo de produção capitalista, ante ao progresso técnico e científico, já possibilitaria ofertar ao indivíduo uma vida sem sacrifícios. No entanto o uso das novas tecnologias, de maneira irracional, tem intensificado a exploração.

Outro estudo que chamou atenção, analisa o peso da irracionalidade no trabalho na sociedade atual, foi o intitulado por Gômide (2013) “Notas sobre o suicídio

do trabalho à luz da Teoria Crítica da Sociedade”, o qual discute o sofrimento do trabalhador submetido às novas formas de organizações do trabalho. No início do artigo, a autora esclarece que, apesar do interesse pela temática ter surgido após as reflexões de estudos dejourianos voltados ao suicídio no trabalho, sua obra não trata de estabelecer aproximações entre o pensamento de Dejours e a Teoria Crítica da Sociedade, pois defende a contribuição que a Teoria Crítica da Sociedade oferece para as reflexões sobre a temática, ao tentar elucidar as condições totalitárias estabelecidas no mundo laboral, diante da racionalidade instrumental, sem desconsiderar a importância ímpar dos estudos dejourianos no assunto das relações estabelecidas no mundo do trabalho. Nesse sentido, a autora diz que:

(...) parte do campo da psicodinâmica do trabalho, mas avaliando essa problemática dentro de uma tendência social e histórica mais ampla, cujas implicações na psicologia das pessoas (na subjetividade) devem ser consideradas, ou seja, tentamos atribuir ao suicídio no ambiente laboral não a leitura de que esse seja um ato desesperado de recusa do indivíduo que não mais quer se deixar dominar – e cuja identidade (profissional e particular) foi destruída pelas pressões do trabalho –, mas sim, o reflexo de um consentimento silencioso, por parte do sujeito, com as tendências destrutivas e totalitárias instaladas no mundo do trabalho: a concordância de sacrificar a si mesmo. (GÔMIDE, 2013, p. 382, grifos da autora).

As reflexões presentes no estudo, perpassam os questionamentos de uma vida reduzida à adaptação, mesmo que em condições desumanas, como recurso necessário para se manter na sociedade vigente, bem como sobre pensar maneiras de reagir às contradições dessa sociedade que, apesar da compreensão dos indivíduos de que o trabalho e seus produtos não têm possibilitado a existência de uma sociedade justa e racional, eles não têm conseguido romper com a situação da alienação. Essa realidade, portanto, conduz o indivíduo ao abandono de vínculos sociais, o que culmina na morte psíquica e, fatalmente, leva ao suicídio.

Gômide (2013) diz que o suicídio no trabalho denuncia o ápice a que degradação e a precariedade das relações de trabalho têm sido estabelecidas, diante do processo concomitante do enfraquecimento de ações políticas e solidárias coletivas necessárias para o enfrentamento dessas condições desumanas. Dessa maneira, afirma que o sofrimento do trabalhador, frente à intensificação do trabalho produzida pela administração da força de trabalho do indivíduo, propiciada pelo

progresso científico, que o intensifica em prol da produtividade, é o que leva a atos extremos, como o suicídio.

Para Gômide (2013), os estudos da psicodinâmica auxiliam na compreensão de mecanismos utilizados pelos trabalhadores para suportar as pressões oriundas dessa forma de organização do trabalho, como as estratégias defensivas e o apoio do coletivo. Contudo, como observa a autora, os autores frankfurtianos traçam um novo olhar acerca das possibilidades de superação dessa condição objetiva, pois afirmam que, no modelo social estabelecido, a experiência formativa está reduzida à pseudoformação e que, frente à exaltada competitividade na sociedade contemporânea, os trabalhadores depositam a sua energia, que serviria à emancipação, a romper com o que é posto, em condutas de ajustamento. A autora diz que o medo do sofrimento corporal, físico e psicológico, provocado pelas sofisticadas formas de exploração e dominação que vigoram na sociedade contemporânea, tem sido transformados em motivo de vergonha, ao serem apresentados como fraqueza de caráter, visto que a doença social interiorizada pelas pessoas converteu-se em formas peculiares de comportamentos considerados normais.

Como discutido nos capítulos anteriores, as novas formas de controle, dominação e exploração, diante da racionalidade tecnológica, cada vez mais sofisticada, cruel e desumana, fortalecem o caráter totalitário da ideologia da sociedade contemporânea e minam a autonomia do trabalhador que não se reconhece mais no seu trabalho, porém se sacrifica em prol de sua manutenção. Assim, o suicídio de trabalhadores tem sido a confirmação da ideologia do sacrifício para que a sociedade do mundo administrado continue a perpetuar a sua lógica produtivista e, também, destrutiva.

Sob a perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, Meneses (2008) em seu estudo “Adolescente trabalhador: sem tempo de ser rebelde”, objetivou verificar como os jovens trabalhadores e estudantes das camadas populares analisam a relação entre formação e trabalho, ao avaliarem alguns aspectos de suas vidas envolvidos nesta relação. Com a participação de 215 jovens de uma instituição que desenvolve um programa de formação profissional voltado para os jovens das camadas populares, cujo objetivo consiste em prepará-los e encaminhá-los ao mercado de trabalho, a pesquisadora analisou o conceito de trabalho formulado por esses

participantes, verificou quais atitudes presentes nas relações de trabalho eram valorizadas pelos jovens, analisou o valor atribuído às experiências formativas na escola e no trabalho, bem como identificou se os adolescentes tinham atitudes que expressassem autonomia de pensamento em relação aos padrões sociais estabelecidos.

O instrumento de coleta de dados utilizado por Meneses (2008) foi a Escala Formação e Trabalho, elaborado pela própria pesquisadora, como um questionário autoaplicável e formatado no Método *Likert*, para verificar a prevalência de opiniões e atitudes, segundo o grau de concordância ou discordância atribuídos às questões baseadas nas relações de trabalho da sociedade atual, e em estudos de autores frankfurtianos.

Com base na análise dos dados coletados, Meneses (2008) identificou a aceitação dos sujeitos da pesquisa com os valores predominantes na sociedade, no que se refere a pensar sobre o trabalho e sobre as atitudes valorizadas nele, ao concordarem com as consequências dos danos causados pelo trabalho em suas vidas, mas sem deixarem de se identificar com os valores impostos na sociedade. Tal contradição demonstrou a subordinação dos participantes à lei das coisas, mesmo ao revelarem atitudes de resistência, essenciais para se pensar a sociedade de forma diferente da existente. Ao pensar sobre o valor dado à educação e ao trabalho, foi identificado o interesse atribuído à formação escolar em relação ao trabalho, no entanto Meneses (2008, p. 153) salienta que: “os equívocos impostos pela educação têm impedido os indivíduos de pensar na barbárie produzida por esta sociedade.”.

Em suas considerações finais, Meneses relata:

Os resultados obtidos não indicam que os jovens se rebelariam para mudar as relações de dominação existentes nesta sociedade. Isso demonstra que eles não deixam de ser subjugados pelos valores da lógica da produção e do consumo e de conceber o trabalho como disciplinador de atitudes. Desse modo, permanecem ligados àquilo que está posto na sociedade, mesmo quando sentem, no cotidiano de suas vidas, o peso das contradições e das injustiças sociais. Constatase, então, que a lógica da razão administrada é suficientemente forte e eficiente e explica a adesão aos seus valores. (2008, p. 162-163).

A pesquisa realizada por Meneses (2008) contribuiu às reflexões acerca da formação do indivíduo na sociedade atual. Assim como a pesquisa realizada por Imbrizi (2005) acerca dos impactos das transformações ocorridas no mundo do

trabalho sobre as condições de vida e a subjetividade dos indivíduos, na qual a autora questiona se ainda são necessários os sacrifícios em nome do trabalho, na sociedade contemporânea, diante das condições materiais e intelectuais alcançadas pelos homens. Com base nos autores da Teoria Crítica da Sociedade, realiza-se uma análise crítica do conteúdo e da forma como a noção de subjetividade está sendo operacionalizada, a partir dos estudos sobre as relações entre a formação do indivíduo e o ambiente de trabalho realizados por autores tanto de base psicanalítica, como Dejours, quanto de base marxista, como Codo.

Os frankfurtianos oferecem categorias teóricas para pensar que o trabalho foi fundamental para a formação da sociedade, pois, ao transformar a natureza, transformo e formo o próprio homem. (...) Mas se na sociedade contemporânea as máquinas podem substituir o esforço humano, então é possível afirmar que o que resta de trabalho está nas atividades criativas e no prazer da ciência e da arte, e o homem, definitivamente, não precisa mais dele para se constituir. O espaço de tempo necessário para o esforço no trabalho produtivo poderia ser mínimo. (IMBRIZI, 2005, p. 155)

Conclusivamente, Imbrizi (2005) ressalta a importância de compreender os estudos marxistas e freudianos. Os primeiros, por analisarem a incompatibilidade entre as condições oferecidas por esta sociedade e os ideais de liberdade e felicidade; por sua vez, os freudianos, por indicarem a divergência entre o progresso da sociedade e as necessidades dos indivíduos. Nesse sentido, esses aportes teóricos denunciam a falta da liberdade na sociedade que se arruína a cada dia e a impossibilidade da conquista da autonomia em uma sociedade governada pela ideologia vigente. Para tal intento, promove-se a adaptação como alternativa de inserção na lógica da sociedade para evitar sofrimento. Ao partir desse entendimento e, por considerar os estudos frankfurtianos, a autora conclui que os processos sociais atuais, o progresso técnico decorrente das inovações tecnológicas, aumenta a divisão entre os homens e as ameaças que desafiam os indivíduos, os quais são impedidos de refletir frente a uma cultura opressora, ideologia cuja preocupação é reproduzir o que está posto, impedindo, assim, o processo de individuação. Isto ocorre porque a estrutura da sociedade está firmada na exploração da força de trabalho, na divisão e na dominação econômica.

Ainda sob o referencial da Teoria Crítica da Sociedade, Ituassú (2014), ao estudar as relações afetivas no trabalho em uma empresa supermercadista, objetivou-

se verificar a compreensão do trabalhador sobre o significado do trabalho, na sociedade atual, por entender o trabalho como um dos aspectos sociais em que os indivíduos podem expressar a subjetividade. Ainda foi analisado o significado ideológico presente na concepção de trabalho. Para cumprir seus objetivos, a autora optou por realizar o estudo com os profissionais da área administrativa, e o instrumento de coleta foi a Escala Social de Relações Afetivas no Trabalho, subdividida em três subescalas: Trabalho e Ideologia; Afeto e Trabalho; e Significado do Trabalho, elaborada e validada por Meneses (2011).

Ituassú (2014) enfatiza que a escolha pela escala psicométrica na investigação não implica incompatibilidade com o referencial teórico da pesquisa, visto que o método quantitativo permite analisar o quanto da expressão particular do fenômeno é geral. No entanto, a autora esclarece que, para ser coerente com o referencial, foi necessária a reflexão crítica do que representam os dados obtidos estatisticamente. Como critério escolhido para selecionar a amostra da pesquisa, optou-se pela amostragem acidental, julgada, pela pesquisadora, a mais conveniente com o local da pesquisa. Isso posto, dispuseram-se a participar da pesquisa oitenta e quatro trabalhadores.

Ao apresentar os resultados da aplicação do instrumento, Ituassú (2014) realizou a análise dos dados por subescala. No que se refere à subescala Trabalho e Ideologia, foi constatado que o trabalho cumpre papel disciplinador e regularizador de atitudes do trabalhador e que o progresso técnico colabora, também, com a imobilização social e com a infelicidade humana, assim como foi observado no estudo de Moraes e Vasconcelos (2011). Ficou claro que o trabalhador não tem clareza sobre o significado dos aspectos ideológicos que têm administrado a sua existência, o que caracteriza a dificuldade em perceber as suas atitudes de submissão em razão da adesão aos valores convencionais. Conforme apresentado nos capítulos anteriores, o controle exercido pela racionalidade, ainda que seja demasiado transparentes, não tem permitido ao trabalhador pensar criticamente a respeito de sua atividade laboral, bem como sobre as condições objetivas de sua existência.

Sobre as questões relacionadas ao afeto e trabalho, Ituassú (2014) apontou que os resultados indicaram a afirmação da lógica do sistema dominante, pois a realização dos desejos e o gosto de trabalhar são remetidos, pelos sujeitos da pesquisa, aos sentimentos como a felicidade, a liberdade e a justiça, que, nos dias de

hoje, ocorrem como resultado da adaptação à racionalidade. Da mesma maneira, quando se analisou os itens referentes à subescala Significado do Trabalho, a autora identificou as amarras com a ideologia dominante, na qual as pessoas seguem acorrentadas às dinâmicas do trabalho e do sistema vigente, nas quais impera a necessidade de produzir o tempo todo, ao valorizarem a técnica e o conhecimento científico como um fim em si mesmo, ao valorizarem a centralidade do trabalho no mundo de hoje, apesar da diminuição objetiva do seu valor na formação dos indivíduos.

Nas reflexões finais, Ituassú (2014) enfatiza que os afetos têm sido valorizados nas empresas, desde que atrelados à ideologia do trabalho, e que não prejudiquem o desempenho do trabalhador. Nesse sentido, sua pesquisa confirma a lógica do sistema vigente ao tomar conta da existência do indivíduo, e a dificuldade em romper com o que está estabelecido no mundo administrado. Ou seja, as questões afeitas à subjetividade do trabalhador não estão alheias ao processo produtivo, à organização da sociedade e à sua ideologia, conforme já observado nos capítulos anteriores.

Outra pesquisa relevante para reflexões sobre o presente estudo foi a realizada por Levandoski (2015), na dissertação “Somos engolidos pelas metas: relações de trabalho na área da saúde” que objetivou compreender os aspectos ideológicos manifestos nas relações de trabalho de profissionais da saúde. O estudo foi realizado em uma Unidade Básica de Saúde da Família - UBSF, na cidade de Campo Grande - MS, com dezoito profissionais das mais diversas áreas de atuação no local. O instrumento de coleta utilizado na pesquisa consistiu em um questionário com onze questões divididas em três blocos, os quais se referiam à avaliação das condições de trabalho, às atitudes valorizadas nas relações de trabalho e à adaptação ou não dos participantes à ideologia vigente na organização da sociedade.

A fim de complementar os dados obtidos pelo questionário, a autora optou por realizar, com a gestora da unidade, uma entrevista que abordou questões referentes ao cumprimento de metas do Ministério da Saúde; à realização do planejamento das atividades e tomadas de decisões na UBSF; à dinâmica das relações de trabalho e à avaliação dos serviços prestados à comunidade.

As contribuições dos autores frankfurtianos foram a base das análises acerca do seu objetivo. Conforme Levandoski (2015), as questões que avaliam as

condições de trabalho tiveram destaque nas respostas; pois, apesar das condições de trabalho estarem organizadas para possibilitar a participação e momentos de reflexão dos trabalhadores, o que prevalecia eram as obrigações administrativas. No que se refere às atitudes valorizadas nas relações de trabalho, foi observado que o que predominou foram as atitudes atreladas às propostas estabelecidas pelo Ministério da Saúde, como a participação, o trabalho em equipe e o vínculo com a população a ser atendida. No entanto, foi notado pela pesquisadora que essa participação não contempla questões políticas e econômicas determinantes no processo de trabalho.

Ao analisar o resultado dos itens sobre a adaptação ou não dos participantes da pesquisa à ideologia prevalecente na sociedade, Levandoski (2015) constatou que os sujeitos não têm tido clareza sobre o significado e a ação da ideologia vigente que tem moldado vida dos trabalhadores de acordo com os interesses do capital. O peso da ideologia ficou evidente, por mais que os trabalhadores reconhecessem aspectos contraditórios em seu trabalho, já que, nas suas respostas, demonstraram serem tomados por sentimentos de incapacidade e impotência, como convém ao sistema político e econômico da sociedade atual.

Levandoski (2015), frente às demandas de trabalho, ressaltou que, diante dos resultados de sua pesquisa e do embasamento teórico que regeu as suas análises, não se pode desvincular as relações de trabalho e os aspectos ideológicos nelas implicados da constituição da subjetividade dos trabalhadores. Outrossim, ratifica o peso que ideologia vigente possui na formação do sujeito, como enfatizado no capítulo quatro.

Ademais, identificaram-se, nas pesquisas relatadas, aspectos semelhantes acerca das questões sobre a formação do indivíduo e a constituição da subjetividade na sociedade contemporânea, ao esclarecer sobre o poder da ideologia vigente, que tem estado presente nas relações de trabalho ao impor ao trabalhador o cumprimento de suas exigências, por meio das novas formas de controle e dominação. Pondera-se, portanto, ser necessário a continuidade dos estudos inerentes aos aspectos ideológicos e à própria organização da sociedade, que tem implicado relações de trabalho e, conseqüentemente, a vida dos trabalhadores. Pois, assim como nas produções citadas neste capítulo, ao realizar esta pesquisa com profissionais de linha de produção, foi observado que a lógica vigente tem tomado conta da constituição da

subjetividade desses trabalhadores, o que dificulta resistir a esse sistema imposto pela sociedade atual, conforme retratados nas análises do próximo capítulo.

6. IDEOLOGIA E SUBJETIVIDADE NA LINHA DE PRODUÇÃO

Entende-se que o método não está restrito a um conjunto de procedimentos a serem realizados, mas que envolve determinada concepção de mundo e de sujeito sobre o objeto de estudo. O que serve como orientação para pensar que não é possível falar de método separado do objeto de estudo e da técnica. Assim, o método da pesquisa deve decorrer aos princípios epistêmicos que conduzem o planejamento e a organização da pesquisa, bem como as técnicas que os viabiliza, ao possibilitar compreender e investigar o objeto escolhido pelo pesquisador.

Conforme citado introdutoriamente, esta pesquisa tem como base os estudos da Teoria Crítica da Sociedade que, conforme Maar (2006), na introdução do livro de Adorno “Educação e Emancipação”, objetivam analisar a formação social dos fenômenos e suas raízes, com o intuito de mostrar que eles não são acidentais, pois obedecem e perpetuam a lógica vigente na sociedade e reproduzida pela ideologia dominante. Por isso, os procedimentos metodológicos desta pesquisa procurou ater-se às marcas da sociedade, da ideologia, implicadas na constituição do indivíduo.

Crochík (2011b) diz que a coerência da pesquisa está na forma como a teoria se relaciona com o método, e que o método quantitativo possibilita identificar a extensão do fenômeno estudado, enquanto o método qualitativo permite aprofundar as discussões sobre esse fenômeno. Nesse sentido, recorreu-se tanto aos estudos psicométricos para compreender o quanto do particular do objeto de estudo é geral, quanto às análises qualitativas para explorar as particularidades desse objeto.

6.1 OBJETIVOS

6.1.1 Objetivo geral

Identificar as implicações da ideologia na constituição da subjetividade de trabalhadores que atuam na linha de produção em empresa de cartonagem, em Campo Grande/ MS.

6.1.2 Objetivos específicos

- Analisar a concepção de trabalho pelos participantes da pesquisa;
- Verificar o valor ideológico atribuído ao trabalho pelos profissionais da linha de produção.

6.2 LOCAL DA PESQUISA

O local escolhido para desenvolver este estudo foi uma empresa de cartonagem em Campo Grande/MS que atua no mercado de fabricação de papelão ondulado há 20 anos¹⁰. A empresa iniciou as suas atividades voltadas à produção de embalagens para pizza, nas dependências da residência do fundador. Com o aumento significativo da demanda, a fábrica familiar cresceu e foi instalada em um dos polos industriais de Campo Grande/MS e, desde então, vem expandindo seus negócios nos mercados nacional e internacional.

O estabelecimento possui uma empresa-sócia em outro estado para o fornecimento de matérias-primas¹¹ e tem como principal objetivo a fabricação de embalagens de papelão ondulado com impressão flexográfica¹² e em papéis especiais em policromia¹³, formatados em ondas simples (B, C e E) ou dupla (BC)¹⁴.

Atualmente, a produção da indústria está voltada para os mais diversos fins, como caixa de presente, de pizza, de produtos de limpeza, de cestas básicas,

¹⁰ As informações sobre a empresa foram obtidas por meio do site institucional e documentos internos da indústria.

¹¹ Utilizam como matéria-prima das chapas de papelão, base para a produção das embalagens, bobinas de papel "Kraft Liner", papel "Test Liner" e papel miolo "Standard".

¹² Segundo Loyola (2013), a flexografia é o método mais utilizado no processo de impressão em papel ondulado, e consiste em um modelo de impressão tipográfica rotativa, com clichês de borrachas (formas flexíveis de alto relevo, semelhante a um carimbo) e tintas e vernizes a base d'água de secagem rápida. Nesse sistema, imprime-se de cinco cores mais o verniz dependendo do maquinário.

¹³ Impressão sobre o papel couchê, o que implica em custo mais alto, porém de melhor qualidade, e permite a utilização de mais de duas cores, segundo informações dos funcionários da empresa.

¹⁴ Conforme Robert (2007), o papel ondulado possui características específicas para o seu fim, dessa maneira deve ser levado em consideração o tipo de onda para compreender a resistência do material. Papelão com ondas simples é composto por capa + miolo + capa, o miolo corresponde ao papel ondulado, esta que região pode ser de diversas espessuras, que correspondem diretamente ao tipo de onda utilizada, as mais comuns são: **E** (micro ondulado) = 1,2 a 1,5mm de espessura (31 a 38 ondas a cada 10cm); **B** (onda baixa) = 2,5 a 3,0 mm de espessura (16 a 18 ondas a cada 10cm); **C** (onda alta) = 3,5 a 4,0mm de espessura (13 a 15 ondas a cada 10cm). Papelão com ondas duplas corresponde a capa + miolo + capa + miolo + capa, e são formados a partir de ondas simples que juntas possibilitam a fabricação de um material de melhor resistência. A onda dupla (BC) possui de 5,9 a 7,2mm de espessura (número de ondas do B e do C, respectivamente).

entre outros. Para atender à demanda, o horário de funcionamento do setor de produção, especificamente da estação em que são produzidas as placas de papel ondulado, estende-se aos três turnos (matutino, vespertino e noturno), visto que esse processo é base para a confecção das embalagens.

6.2.1 O setor de produção

O setor de produção está dividido em estações, as quais são responsáveis por atividades específicas desde a preparação das chapas de papelão até a expedição das embalagens.

Antes da produção em larga escala, há um setor denominado de “Desenvolvimento e Amostras”, cuja responsabilidade é produzir amostras das embalagens solicitadas pelos clientes, com intuito de atender às exigências do consumidor e evitar desperdício de matéria-prima. O trabalho desenvolvido pelos profissionais ali alocados é considerado artesanal, diante da baixa inserção de maquinário.

Após aprovação dos clientes, a produção das embalagens tem início com a fabricação das chapas de papel ondulado, através da máquina denominada ondulateira. Para ondulação do papel, esse equipamento demanda como insumo as bobinas de papel liso, a cola para a fixação das camadas que compõem o papelão e o vapor produzido pelas caldeiras para secagem das placas. Cabe ressaltar que, dependendo do modelo de embalagem, as bobinas de papel liso passam, anteriormente a ondulação, pela estação de flexocromia, na qual é realizada a impressão do layout da embalagem diretamente no papel liso.

A partir da produção das chapas de papelão, o fluxo produtivo das embalagens pode seguir para duas estações: caso já tenha passado pela flexocromia, o próximo passo é a laminação, que consiste no processo de plastificação para proporcionar brilho ou ofuscamento à embalagem; a partir disso, segue para a estação de corte e vinco, cuja atribuição é formatar as embalagens, que são cortadas e têm suas dobraduras vincadas. Caso a chapa de papelão não tenha passado pelo processo de impressão, ela segue para flexográfica, a qual imprime o layout da embalagem diretamente na chapa de papelão, além de vincar as suas dobraduras e cortar o seu formato. Anexadas à esta última estação, há duas outras estações: uma

responsável pela fabricação das tintas que alimentam essas máquinas e outra, a clichéria, que monta os clichês com os moldes dos layouts a serem impressos nas embalagens.

Além dos tipos de embalagens impressas, conforme descrito anteriormente, existem as que demandam a utilização de papel que são diferentes das chapas de papelão. Nesses casos, é de responsabilidade do setor da gráfica a impressão em *offset* de acordo com o material selecionado pelo cliente. O papel impresso pela gráfica é unido à chapa de papelão pelo processo de laminação e, após isso, segue o fluxo produtivo já descrito.

Para dar seguimento à produção, há o setor de qualidade responsável por inspecionar se as chapas de papelão produzidas estão de acordo com os requisitos solicitados pelo cliente. É atribuição desse setor, também, verificar o tipo de onda do papel ondulado para atestar a resistência do material.

Certificado de que a produção corresponde ao pedido, a próxima etapa é o acabamento, na qual é realizada a limpeza das aparas, a contagem das embalagens e a colagem manual, se houver necessidade. Após isso, as embalagens são amarradas em fardos, depositadas em *pallets* e partem para expedição, sendo o material novamente conferido e enviado para os clientes.

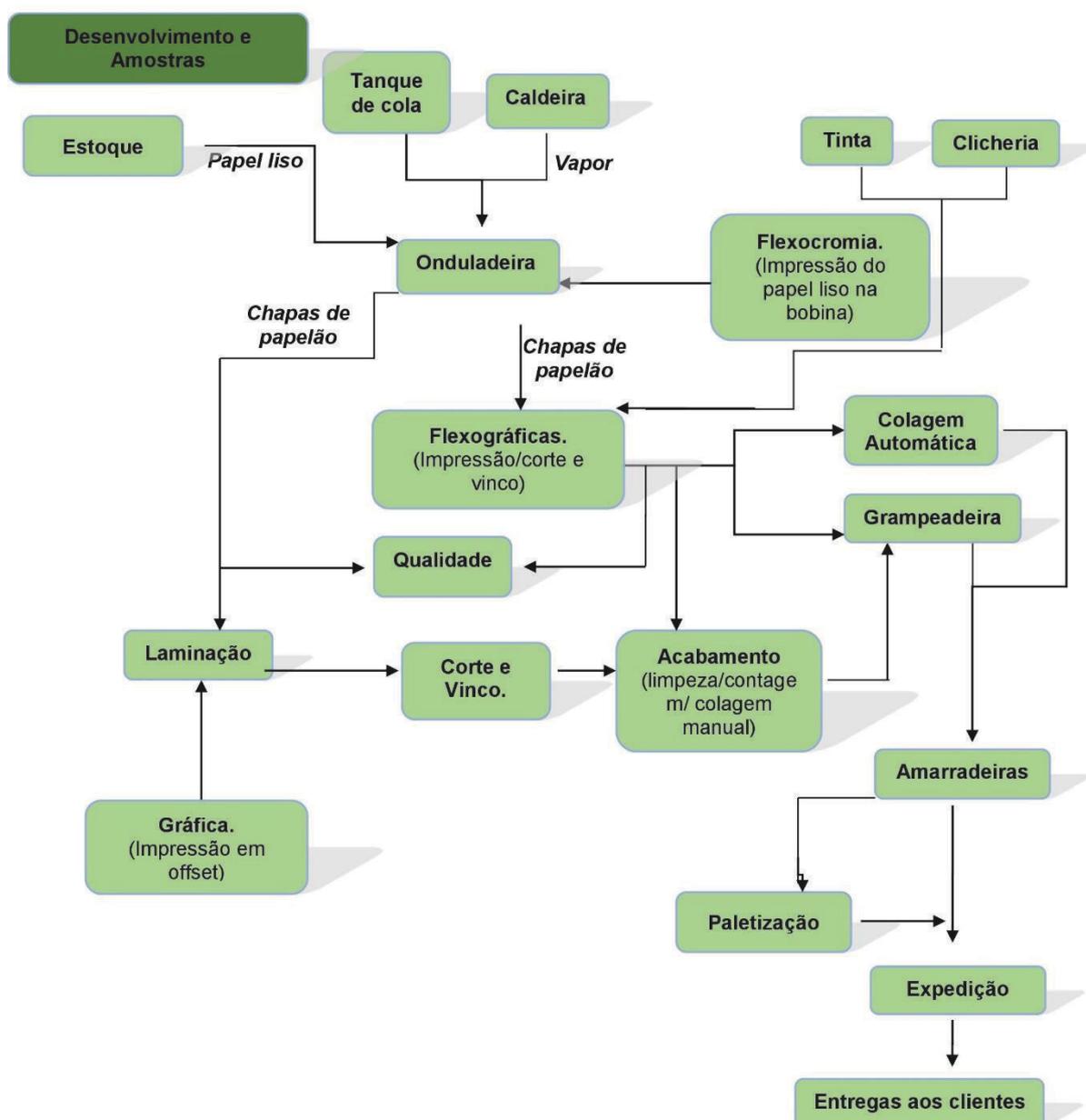
Alguns tipos de embalagens, devido a sua especificação, passam por mais etapas no processo antes de serem amarradas em fardos e seguirem para expedição, que é o caso de embalagens grampeadas ou com colagem especial, etapas estas realizadas nas máquinas grampeadeiras e coladeiras automáticas.

Para o desenvolvimento dessas atividades, o setor possui, em seu quadro de funcionários: técnicos de segurança do trabalho, que atuam juntamente com o engenheiro de segurança do trabalho, para orientar e fiscalizar o sistema de segurança do trabalho, investigar riscos e causas de acidentes e analisar esquemas de prevenção; mecânicos industriais cuja atribuição é a de realizar a manutenção em componentes, equipamentos e máquinas industriais, e avaliar as condições de funcionamento e desempenho dessas máquinas; coordenadores de estação de produção, responsáveis pela coordenação das suas respectivas áreas de produção e direcionamento das tarefas a serem executadas pelos operadores de máquinas e pelos auxiliares de operador de máquina; auxiliares administrativos que atuam no estoque do setor para verificar e controlar a entrada e saída de material, bem como no auxílio

aos coordenadores de estação de produção, para organizar a produção de cada estação; operadores de máquinas, atribuídos de comandar e alimentar de material as máquinas e os equipamentos; auxiliar de operador de máquina, que apoiam os operadores de máquina no cumprimento de suas funções; inspetores de qualidade responsáveis por conduzir e realizar as inspeções durante a produção das embalagens, em específico na confecção das chapas de papelão e das impressões, para certificar a qualidade do material; e auxiliar de serviços gerais que executam a limpeza e conservação das instalações.

O processo de produção de embalagens está representado pelo fluxograma (figura 2), na página a seguir:

FIGURA 2 - Fluxograma da produção de embalagens da empresa de cartonagem em Campo Grande/MS



FONTE: Elaborada pela pesquisadora com base no “Manual de Práticas Operacionais, Manutenção e Limpeza dos Sistemas de Controle Ambiental” da indústria pesquisada.

Convém observar que a linha de produção da respectiva empresa consiste em um modo de produção tradicional se comparada a outras indústrias do mesmo ramo que já possuem inserção de tecnologia avançada em seu processo de produção. No entanto, atende aos requisitos necessários para o desenvolvimento desta

pesquisa, visto que a ramificação dos processos produtivos estão atrelados ao uso da técnica.

6.3 SUJEITOS

Participaram da pesquisa profissionais que atuam na linha de produção da empresa de cartonagem. Dos 120 trabalhadores convidados a cooperar com a pesquisa, houve a adesão de 108 trabalhadores, que responderam ao instrumento do estudo. Por serem trabalhadores das diferentes subestações e turnos de trabalho, garantiram uma amostragem regularmente distribuída. Inicialmente, foram descartados 17, por não responderem à totalidade dos itens do instrumento, critério de exclusão estabelecido anteriormente.

Dos 91 restantes, 36 foram eliminados por não atenderem ao critério estabelecido para verificação da atenção do sujeito, resultando em uma amostra final de 55 funcionários¹⁵. A média de tempo utilizado pelos trabalhadores para o preenchimento do questionário foi de 30 minutos.

O critério de inclusão utilizado para os participantes da pesquisa foi: trabalhadores do setor de produção, com vínculo empregatício¹⁶, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A) e que respondessem a todo o questionário e não fossem eliminados pelo teste de atenção, que foi apurado a partir de respostas diferentes para os itens idênticos 13 e 32 do instrumento de pesquisa.

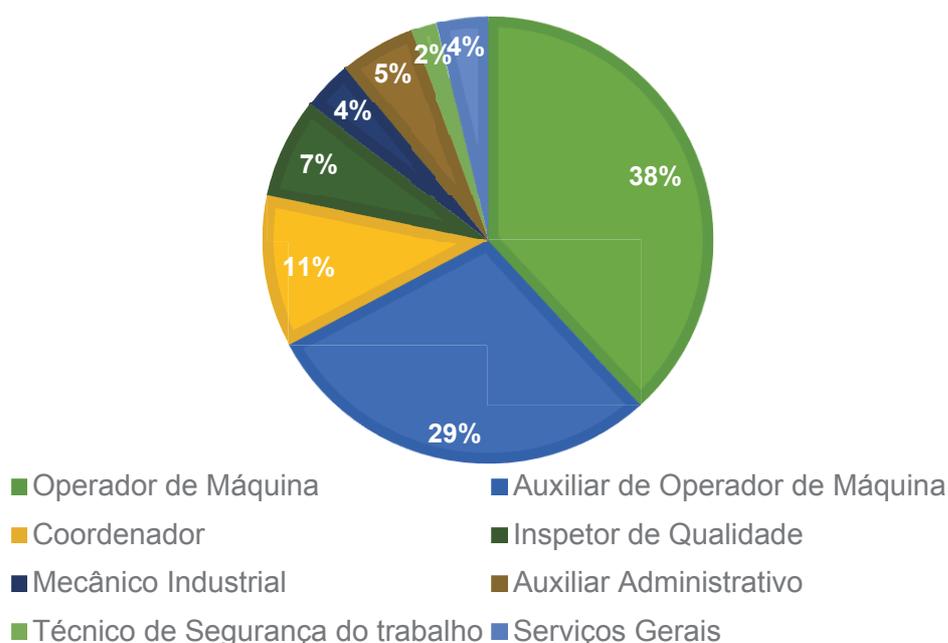
Mesmo a população tendo sido caracterizada pelos critérios de gênero, idade, função, tempo de função e tempo de empresa, não foi realizado estudo diferenciado sobre a relação desses critérios com os aspectos ideológicos intrínsecos na constituição da subjetividade dos trabalhadores. Identificou-se que a média de idade do grupo amostral foi de 31 anos; participaram da pesquisa 46 trabalhadores do sexo masculino e 9 do sexo feminino; o tempo médio de serviço prestado na empresa pelos participantes foi de 5 anos e o tempo médio de serviço na atual função por volta

¹⁵ A variabilidade de respostas com diferença significativa na escolha dos escores de mais de um ponto resultou na perda de 9 instrumentos; aquelas com escores variando em um ponto de diferença resultaram em perda de 27 instrumentos.

¹⁶ Cabe ressaltar essa informação, pois existem profissionais que atuam no setor na categoria de diárias, pois em épocas de grande demanda, a empresa contrata trabalhadores para auxiliar no processo produtivo, contudo estes não possuem vínculo empregatício.

de 4 anos. A distribuição dos participantes entre as funções está presente no gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 - Identificação das funções exercidas pelos sujeitos participantes da pesquisa na fábrica



FONTE: Elaborada pela pesquisadora com base nas respostas dadas pelos participantes.

6.4 INSTRUMENTO

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi a escala Formação e Trabalho de Meneses (2008) (ANEXO A), validada e aplicada em sua pesquisa de doutorado, intitulada “Adolescente trabalhador: sem tempo de ser rebelde”. O objetivo principal dessa escala é verificar como os jovens trabalhadores e estudantes das camadas populares analisam a relação entre formação e trabalho ao avaliar alguns aspectos de suas vidas envolvidos nesta relação.

O estudo de Meneses (2008) objetiva refletir acerca das contradições da sociedade e do processo de formação do indivíduo. Assim, a escala contempla quatro subescalas, distribuídas em 32 itens, cujos temas foram ancorados nos pressupostos dos autores da Escola de Frankfurt, e referem-se à concepção de trabalho (itens: 9, 10, 20, 23, 27, 29); às atitudes valorizadas no trabalho (itens: 2, 3, 5, 6, 7, 12, 14, 16, 21, 24, 25, 26, 28, 30); ao valor dado à educação e ao trabalho (itens: 4, 8, 15, 17, 19,

22); bem como à adaptação à ideologia do mundo administrado (itens: 1, 11, 13/32, 18). Vale considerar que a repetição do item 13 no item 32 foi feita pela autora da escala propositalmente para verificação da atenção do sujeito ao responder tais questões.

Como explica Meneses (2008), as questões sobre a concepção de trabalho buscam identificar o conceito de trabalho expresso pelos sujeitos da pesquisa, bem como esclarecer sobre o que tem representado o trabalho na vida dos trabalhadores na sociedade atual. Já as voltadas às atitudes valorizadas no trabalho, objetivam mensurar quais atitudes são reconhecidas no trabalho, especialmente, as que envolvem afetividade do indivíduo e os valores morais dados àquelas relações, sem desconsiderar o que o trabalho representa na vida dos trabalhadores. Para analisar o valor referente à educação e ao trabalho, os itens destacam a importância dada ao conhecimento e ao que representa a responsabilidade do indivíduo em seu processo de formação, com intuito de verificar a capacidade crítica ou não do trabalhador em relação à sua própria experiência formativa. Por fim, com propósito de explicitar se os trabalhadores estão adaptados à ideologia do mundo administrado, os itens voltam-se à discussão sobre a eficácia da ideologia da sociedade atual, ao instruir os indivíduos a se adaptarem aos seus controles, sem qualquer tipo de resistência, ao mascarar as contradições dessa sociedade e responsabilizar somente o indivíduo pelo seu “sucesso”.

A escolha desse instrumento se justifica por possibilitar a análise qualitativa, a partir dos aspectos quantitativos acerca do objeto de estudo, de acordo com o referencial teórico da Teoria Crítica da Sociedade.

O formato do instrumento é um questionário estruturado com respostas fechadas que respeita a estruturação de escala com o método *Likert*, o qual viabiliza medir a intensidade das opiniões e atitudes, facultando ao sujeito indicar o grau de acordo ou de desacordo com cada item e, por isso, esse método é baseado em dois extremos: de favorável a desfavorável. No instrumento utilizado para este estudo, os pontos variam de um a quatro. Desse modo, para cada item da escala, os participantes escolheram um dos seguintes escores: concordo totalmente (1 ponto); concordo parcialmente (2 pontos); discordo parcialmente (3 pontos); discordo totalmente (4 pontos).

Para a aplicação do instrumento da pesquisa nos sujeitos escolhidos foram necessários alguns ajustes e, por isso, nos itens correspondentes aos termos “juventude”, “jovem trabalhador” ou “trabalhador jovem” houve substituição por “trabalhador”.

O procedimento para a coleta dos dados implicou os sujeitos a responderem o questionário impresso.

6.5 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Com a devida autorização do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGPsi/UFGMS) para a realização da pesquisa e, ante a proposta de realizar um estudo envolvendo trabalhadores de linha de produção, foram feitos contatos com os setores de gestão de pessoas de diversas indústrias localizadas no município de Campo Grande/MS. Obtendo-se a anuência da empresa de cartonagem, após o esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa e de como seria a coleta de dados e a realização da pesquisa no local, foi disponibilizado todo o apoio necessário, incluindo o espaço físico da sala de treinamento e o auxílio do setor de gestão de pessoas da empresa, para definir o cronograma de aplicação.

Na etapa seguinte, foi feito o convite a todos os profissionais da linha de produção para participação voluntária no estudo. Esse primeiro contato com os trabalhadores ocorreu durante o Diálogo Semanal de Segurança (DSS), que acontece todas às segundas-feiras ao início de cada turno de trabalho na empresa. Participam dessa reunião todos os trabalhadores do setor de produção com o engenheiro de segurança do trabalho e a gestora de recursos humanos.

Foi esclarecido aos trabalhadores que a participação na pesquisa e a aplicação do instrumento de coleta de dados seria no próprio local de trabalho. A sala de treinamentos, disponibilizada pela empresa para realização da pesquisa, correspondeu à ambientação adequada: com boa iluminação, temperatura apropriada, com mobiliário confortável e espaço amplo.

As aplicações dos questionários ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2018, tendo as datas sido definidas junto à administração da empresa.

Foram necessários cinco dias de coleta de dados com todos os participantes voluntários.

Os procedimentos utilizados para a aplicação do instrumento da pesquisa obedeceram aos critérios estabelecidos pelo Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme previsto na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Dessa maneira, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado aos trabalhadores, com a garantia do sigilo das informações pessoais e do apoio necessário no decorrer da pesquisa.

O critério escolhido para representar a amostra da pesquisa foi o método de amostragem não casual, amostragem “acidental”, como denomina Levin (1987), uma vez que essa foi organizada da maneira mais conveniente para a pesquisadora, mas sem comprometer o resultado da coleta de dados.

Para evitar vedações nas respostas, foi esclarecido aos participantes que o motivo da realização da pesquisa objetivava a contribuição com a comunidade científica. Após tal elucidação, reiterou-se que não se tratava de pesquisa da empresa e que o caráter de participação na investigação era não obrigatório.

6.6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a coleta de dados, com a aplicação da Escala Formação e Trabalho (MENESES, 2008), realizou-se o estudo estatístico do material, primeiramente, pela análise fatorial¹⁷ e, em seguida, o cálculo das médias e do desvio padrão.

A partir da análise fatorial, foi identificada a correlação existente entre os itens da escala pela extração dos componentes principais que determina os valores indicativos do grau de consistência das correlações entre os itens, com a utilização do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) 22.0 for Windows, cujos cálculos encontram-se no Anexo B. Segundo Kerlinger (2007), a análise fatorial consiste em um método analítico aplicado para determinar o número e a natureza das

¹⁷ Laros (2004) explica que não há consenso na literatura sobre o tamanho amostral mínimo necessário para realizar um estudo pelo método da análise fatorial. Ainda assim, compreende que o estudo por esse método envolve a estimação de um tamanho amostral heterogêneo e relativamente grande em comparação ao número de variáveis envolvidas, para que os resultados obtidos sejam mais fidedignos a realidade. No entanto, ao levar em consideração que esta pesquisa foi aplicada em apenas uma indústria, a intenção em realizar a análise fatorial foi a possibilidade de reduzir os itens da Escala a fatores com cargas significativas e, conseqüentemente, identificar os temas que possuem expressividade nos resultados da aplicação do instrumento de coleta.

variáveis subjacentes, chamadas de fatores, a um grande número de variáveis e medidas. O fator, portanto, reflete uma ordenação dos itens que compõem a escala, e pode ser analisado como um subconjunto de itens respondidos de maneira semelhante por um determinado número de sujeitos. Essa ordenação, diz o autor, evidencia os índices de concordância dos sujeitos participantes da pesquisa em relação aos itens do instrumento de pesquisa. Explica, ainda, esse autor que as correlações entre os fatores são expressadas pelas cargas fatoriais e, quanto mais próxima de zero estiver o valor dessa carga, a correlação entre eles é pequena, o que significa que esses fatores não se correlacionam, sendo entendidos, então, como entidades separadas e distintas. Por outro lado, quanto mais próxima de 1,0 estiver a carga fatorial, melhor se estabelece a correlação entre os fatores, o que torna significativo o resultado do item. Na citada pesquisa, o conceito de cada fator foi designado pelo item com maior carga fatorial e por uma definições que resumissem o conjunto das questões abordadas.

Nas tabelas apresentadas a seguir estão discriminados, de acordo com cada subescala, os resultados da análise fatorial, os cálculos da média e o índice de variabilidade do desvio padrão.

TABELA 1 – Análise fatorial da subescala ‘Concepção de Trabalho’

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
FATOR 1 Trabalho, alienação e resultados.	Item 20 – Trabalho possibilita realização pessoal.	0,819	1,65*	0,77
	Item 27 – Trabalho valoriza e dignifica o trabalhador.	0,790	1,76*	0,83
	Item 23 – Trabalho possibilita liberdade, conhecimento e criatividade.	0,750	1,84*	0,87
	Item 10 – Trabalho avaliado pelo resultado produtivo do indivíduo.	0,686	1,75*	0,96
FATOR 2 Salário, exploração e autonomia.	Item 31 – Trabalhar é ter emprego e receber salário.	0,791	3,25***	0,94
	Item 29 – Não há exploração no trabalho.	0,710	3,35***	0,94
	Item 09 – A realização do trabalho não permite autonomia.	0,566	2,51**	1,03

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala Formação e Trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

* Prevalência nas respostas de concordância com o item.

** Prevalência nas respostas de equivalência de concordância e discordância com o item.

*** Prevalência nas respostas de discordância com o item.

TABELA 2 - Análise fatorial da subescala 'Atitudes Valorizadas no Trabalho'

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
FATOR 1 Atitudes no trabalho.	Item 14 – Trabalho intelectual deve ser mais valorizado.	0,797	2,31*	1,10
	Item 05 – Trabalhador deve ser submisso sem demonstrar criatividade.	0,759	2,55**	1,52
	Item 26 – Trabalhar para ganhar mais dinheiro e ter aumento de salário.	0,701	2,04*	1,07
	Item 12 – O trabalho com estabilidade é melhor do que o trabalho com melhor salário.	0,645	2,07*	1,03
	Item 28 – O trabalhador deve participar de greve para garantir seus direitos e melhores condições de trabalho.	0,572	1,91*	0,98
	Item 07 – O trabalhador deve demonstrar esforço e boa vontade para conseguir promoção no trabalho.	0,568	1,24*	0,60
	Item 24 – É melhor ficar empregado mesmo que seja necessário fazer algo com que discorde.	0,493	3,04***	1,20
FATOR 2 Greve e sonhos.	Item 21 – O trabalhador deve evitar participar de greve, pois prejudica sua carreira.	0,793	2,54**	1,11
	Item 25 – Trabalho é lugar para realizar sonhos.	0,640	1,93*	0,92
FATOR 3 Comprometimento e competência.	Item 06 – Trabalho deve ser independente de problemas pessoais.	0,825	1,64*	0,91
	Item 16 – Trabalhador deve ser competente sem preocupar-se com os demais colegas.	-0,471	2,78***	1,18
FATOR 4 Trabalho e oportunidades	Item 30 – O trabalho oferece chances iguais para todos.	0,713	2,31*	1,08
	Item 03 – Horas livres voltadas para o trabalho.	0,660	3,11***	1,01
	Item 02 – O trabalhador deve ater-se à carreira profissional.	0,449	2,85***	1,04

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala Formação e Trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

* Prevalência nas respostas de concordância com o item.

** Prevalência nas respostas de equivalência de concordância e discordância com o item.

*** Prevalência nas respostas de discordância com o item.

TABELA 3 - Análise fatorial da subescala 'Valor Dado à Educação e ao Trabalho'

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
FATOR 1 Trabalho e formação escolar.	Item 22 – Diploma é considerado mais importante que aprendizado.	0,762	3,16***	1,05
	Item 17 – Um bom emprego torna os estudos desnecessários.	0,740	3,49***	0,87
	Item 04 – Trabalho amplia a capacidade do indivíduo em detrimento da formação escolar.	0,641	2,55**	1,05
	Item 19 – Formação escolar deve preparar o indivíduo para ser subserviente.	0,529	2,42*	1,01
FATOR 2 Realização profissional.	Item 08 – Realização profissional independe a formação escolar.	0,808	2,35*	1,02
	Item 15 – A formação escolar nem sempre garante melhorar as condições de vida.	0,652	2,47*	1,05

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala Formação e Trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

* Prevalência nas respostas de concordância com o item.

** Prevalência nas respostas de equivalência de concordância e discordância com o item.

*** Prevalência nas respostas de discordância com o item.

TABELA 4 - Análise fatorial da subescala 'Adaptação à Ideologia do Mundo Administrado'

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
FATOR 1 Trabalho e responsabilização.	Item 18 – A sociedade é justa e o que vale é o esforço pessoal.	0,859	1,80*	0,86
	Item 11 – O sucesso na vida depende, principalmente, do indivíduo.	0,772	1,80*	1,02
FATOR 2 Autoritarismo e autonomia.	Item 01 – O trabalhador necessita de rigorosa disciplina, firme determinação, vontade de trabalhar e lutar pela família e pela pátria.	0,895	1,62*	0,82
	Item 13/32 – As pessoas têm autonomia e liberdade.	0,656	1,49*	0,79

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala Formação e Trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

* Prevalência nas respostas de concordância com o item.

** Prevalência nas respostas de equivalência de concordância e discordância com o item.

*** Prevalência nas respostas de discordância com o item.

De acordo com os dados apresentados nas tabelas 1, 2, 3 e 4, os resultados estatísticos indicaram que a carga fatorial dos itens que compõem a escala foram acima do coeficiente de correlação de 0,40. Esse índice, baseado nos estudos de Kerlinger (2007) e de acordo com validação da Escala, apresenta significância estatística, o que indica que os fatores gerados pela análise fatorial expressam conjuntos de itens que se correlacionam.

Na subescala 'concepção de trabalho', a análise fatorial resultou em dois fatores (Tabela 1). O fator 'Trabalho, alienação e resultados' reúne itens que analisam o caráter utilitário do trabalho e a capacidade de avaliar o processo de alienação que tem constituído a vida do trabalhador. Já o fator 'Salário, exploração e autonomia' elucida a avaliação crítica das condições de exploração existentes nas relações de trabalho, considerando a falta de autonomia que há nessas relações.

Sobre as atitudes valorizadas no trabalho, após análise fatorial foram gerados quatro fatores (Tabela 2). O fator 'Atitudes no trabalho' reúne itens que investigam atitudes de subserviência e aceitação dos valores determinados pelas relações de dominação presentes no trabalho. Já os itens do fator 'Greve e sonho' analisam a luta pelos direitos do trabalhador, bem como a relevância do trabalho. No fator 'Comprometimento e competência', os itens examinam o envolvimento do trabalhador com o trabalho. E, o fator 'Trabalho e oportunidades' observa a centralidade que o trabalho possui na vida do trabalhador.

No que diz respeito à subescala 'valor dado à educação e ao trabalho', foram processados dois fatores (Tabela 3). O fator 'Trabalho e formação escolar' examina a capacidade de o sujeito refletir criticamente em relação ao processo formativo. Já o fator 'Realização profissional' analisa o valor dado ao trabalho em relação ao dado à educação.

Com relação à subescala 'adaptação à ideologia do mundo administrado' os itens foram reduzidos à dois fatores (Tabela 4). O fator 'Trabalho e responsabilização' investiga a capacidade crítica do sujeito em relação à ordem imposta pelo mundo administrado. Já o fator 'Autoritarismo e autonomia' requer análise da capacidade de pensar as contradições da sociedade.

A partir do cálculo da média das respostas, foi averiguado o índice de concordância e discordância entre as respostas dadas pelos participantes da pesquisa. Isso significa que quanto mais próximo de 1 estiver a média, maior é a

prevalência de respostas em concordância com o item. Em contrapartida, quanto mais próxima de 4 estiver a média, maior a prevalência de respostas em discordância ao item. Cabe ressaltar que, considerando a variabilidade dos pontos presentes na escala (de 1 a 4), a média estabelecida para os escores equivale ao valor de 2,5. Mesmo esse valor não sendo identificado na escala, pode ser interpretado como ponto médio entre a concordância e discordância do sujeito da pesquisa sobre a questão proposta.

Os índices expressos pelo desvio-padrão indicaram uniformidade entre as respostas dos participantes aos itens, isso significa que estas não divergem significativamente entre os participantes.

A seguir expõem-se as análises dos resultados obtidos por subescala.

6.6.1 Concepção de trabalho

Os resultados apresentados para esta subescala indica que os sujeitos da pesquisa concordam com os valores da lógica da sociedade contemporânea, sobre a concepção de trabalho. Pois, mesmo quando criticam as condições de exploração existentes nas relações de trabalho não deixam de se identificar com tais valores. Crochík (2011a) esclarece que o discurso de liberdade utilizado pelos trabalhadores tem servido à adaptação dos sujeitos à ideologia vigente e não para a sua superação. Dessa maneira, quando os sujeitos da pesquisa afirmam que o trabalho possibilita ser livre para expressar criatividade e conhecimento, eles não reconhecem que essa liberdade está a serviço dos interesses do capital, ou seja, trata-se de uma falsa possibilidade de liberdade.

A eficiência do sistema enfraquece a capacidade do indivíduo reconhecer que esse sistema só contém fatos que expressam o poder repressivo do todo. Se os indivíduos encontram-se nas coisas que moldam suas vidas, não é porque eles estabelecem a lei das coisas, mas porque eles a aceitam – não como uma lei da Física, mas enquanto uma lei da sociedade. (MARCUSE, 2015, p. 49).

O enfraquecimento da capacidade do trabalhador pensar criticamente o tem levado a, ainda, compreender o trabalho como essencial a sua vida. Assim, o trabalhador se identifica com a existência que lhe tem sido imposta e não consegue perceber a racionalidade administrada presente na sociedade. Pois, o ritmo de

trabalho, imposto pela linha de produção, tira a capacidade de pensar com autonomia e leva os trabalhadores a se tornarem indivíduos despojados de qualquer interesse de pensar as contradições da sociedade.

Conforme explica Crochík (2011d, p. 141), “a tecnologia que deveria servir à libertação da miséria material e psíquica, contraditoriamente, preserva as relações de produção existentes”. Sendo assim, ainda, que não se possa negar os ganhos advindos dos avanços tecnológicos, é preciso pensar que também podem levar ao retrocesso, à medida que aperfeiçoa a dominação existente o indivíduo subjuga-se ao que é contrário aos seus interesses mais racionais.

O conformismo, que têm afastado as pessoas das verdades e as embrutecido, não é mero pretexto dos dominantes, mas a consequência lógica da sociedade industrial. Essa lógica permanece presa à dominação, com seu reflexo e seu instrumento ao mesmo tempo (MENESES, 2008, p.69).

Desse modo, fica dificultada a capacidade de o trabalhador romper com os arranjos estabelecidos pelo sistema que administra a sua existência. Por esse motivo, chama a atenção a crítica feita pelos sujeitos da pesquisa, ao compreenderem a existência de exploração no trabalho e por ser mais que receber o salário. O resultado suscita atitude de resistência, de pensar que as relações de trabalho poderiam ser diferentes de como estão organizadas. Contudo, no cruzamento dos resultados da subescala em questão, fica clara a consciência contraditória dos sujeitos da pesquisa.

Se é difícil não perceber essas contradições, o próprio sujeito deve refrear sua percepção e colocar a contrária em seu lugar: a de que o mundo é justo e que só depende dos homens o seu destino. Para isso não basta se conformar com o mundo que é apresentado pela indústria cultural, deve-se defendê-lo. (CROCHIK, 2011a, p. 24).

A consciência contraditória leva a reflexões cada vez mais automatizadas e às respostas instrumentalizadas; força a autoalienação dos indivíduos e, com isso, a reflexão se atrofia, nos termos Horkheimer e Adorno (1985).

6.6.2 Atitudes valorizadas no trabalho

O conjunto dos resultados apresentados, para esta subescala, expressa a irracionalidade presente nas relações de trabalho pelos sujeitos da pesquisa, ao se identificarem com as atitudes valorizadas pela lógica da sociedade atual: pensar que

o trabalho é um lugar para realizar sonhos; que os problemas de ordem pessoal não podem interferir no trabalho; para conseguir promoção no trabalho deve-se demonstrar esforço e boa vontade a todo momento. Tais atitudes, caracterizam a dificuldade de perceber a submissão existente nas relações de trabalho, ao ser feita a defesa do valor utilitário do trabalho.

A falta da capacidade de reflexão do trabalhador o torna apêndice do processo produtivo e leva a sua instrumentalização, à reificação da consciência. Crochík (2011d) observa que, nesta sociedade, a realização dos desejos e o gostar de trabalhar tem sido remetidos à adaptação, à lógica que tem reduzido os conteúdos desses desejos ao que é possível no presente. Ainda, afirma que o progresso técnico, presente na sociedade atual, também tem colaborado com a imobilização social e com a infelicidade humana, uma vez que os desejos individuais não podem ser expressos, tampouco conhecidos, como os problemas pessoais que têm sido considerados desajustes individuais.

A consciência presa ao formalismo, existente na lógica vigente, tem transformado:

“o desigual em igual, o infeliz em feliz, o oprimido em livre e o injusto em justo, ao negar as condições sociais que geram a infelicidade, a opressão e a injustiça (...). A negação do que se percebe é gerada pela ameaça à sobrevivência, e o que se percebe é mantido próximo à consciência, gerando um conflito que leva ao fortalecimento daquela negação: quanto mais se percebe a contradição social menos ela deve ser percebida” (CROCHIK, 2011d, p. 121).

Assim, quando os sujeitos da pesquisa reconhecem a greve como movimento de luta dos trabalhadores por seus direitos, o resultado indica o reconhecimento da necessidade de lutar por direitos e criticar a organização do trabalho, o que é essencial para a mobilização política dos trabalhadores e para que possam pensar criticamente sobre as relações de trabalho. O resultado mostra que há espaços de resistência mesmo em decorrência do peso da ideologia vigente.

6.6.3 Valor dado à educação e ao trabalho

Os resultados apresentados, para esta subescala, ressaltam a importância dada à formação escolar pelos sujeitos da pesquisa, na medida em que é feita a defesa da necessidade de estudos e o reconhecimento de que o processo de

aprendizagem é mais importante do que o conhecimento. O resultado chama a atenção, uma vez que os sujeitos da pesquisa mesmo inseridos no mercado de trabalho reconhecem o valor da educação.

Maar (2006) observa a importância do papel da educação na formação dos indivíduos. Mas, explica que, na sociedade atual, ela pode ameaçar o conteúdo ético do processo formativo, visto estar determinada socialmente para se concretizar somente como apropriação de conhecimentos técnicos. Pois, a crise da formação tem sido a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna.

Ao cruzar os resultados em defesa da educação formal com os da valorização da experiência no trabalho, para ampliar a capacidade de análise crítica, fica clara a concepção pragmática no que diz respeito a formação do indivíduo. Isto indica a necessidade de superar a educação, enquanto mera apropriação instrumental e técnica, que dificulta a autonomia do sujeito.

6.6.4 Adaptação à ideologia do mundo administrado

Ao analisar os resultados apontados, para esta subescala, fica evidente que os sujeitos da pesquisa manifestam valores que indicam adaptação à lógica da sociedade atual. O predomínio de concordância nas respostas reafirmam a dificuldade de se pensar o novo, de pensar em transformar a sociedade, o que mostra a primazia de comportamentos e pensamentos adaptados aos valores do mundo administrado.

A declaração de que o sucesso na vida depende do esforço pessoal, que o indivíduo tem autonomia e que a sociedade oferece chances iguais de trabalho para todos, corrobora que o trabalhador não tem clareza sobre o significado da ideologia que administra a sua existência, bem como ratifica os valores do pensamento liberal. Essa conservação do pensamento liberal no processo histórico não é recente, Smith (1996), ao valorizar a individualidade, a liberdade econômica e o livre mercado, lançou mão do racionalismo e da plena confiança na "ordem natural", o que se tornaria a base tradicional do liberalismo individualista. Segundo o autor, "ao perseguir seus próprios interesses, o indivíduo muitas vezes promove o interesse da sociedade muito mais eficazmente do que quando tenciona realmente promovê-lo." (SMITH, 1996, p. 438). Com novas roupagens, esses valores ainda se fazem presentes. Chaves (2010, p. 38) observa que a ideologia liberal "sustenta-se sob a influência da livre concorrência em

virtude de as relações de produção se tornarem necessárias à existência de um indivíduo livre para oferecer-se ao mercado como força de trabalho”. Dessa forma, induz à sensação de liberdade de escolha do melhor emprego e da carreira a seguir, valoriza a importância da realização pessoal como, também, leva à ilusão criada que objetiva servir aos interesses da sociedade.

Além disso, é interessante ressaltar que a defesa do pensamento liberal pressupõe um estado de plena liberdade, no entanto, estabelecer esse estado tem sido algo abstrato. Questiona-se: como pensar em liberdade se, no local de trabalho, os sujeitos são guiados pelo movimento da linha de produção e, mesmo fora da empresa, continuam a fazer defesa do processo de administração do qual fazem parte.

A imagem abstrata da sociedade dá a ilusão de que o destino do indivíduo depende dele próprio, quando isso não pode ser verdadeiro enquanto ele estiver voltado para a autoconservação e, assim, necessariamente depender de circunstâncias alheias para sobreviver. (CROCHÍK, 2011c, p. 90).

Pois, nesta sociedade:

Deve-se considerar que se é feliz por ter um emprego, ou seja, por estar submetido ao capital; por poder satisfazer as necessidades criadas pelas necessidades de reprodução do capital; por poder ser admirado, isto é, invejado, pelos outros, pois isso permite a impressão de ser superior aos demais – e assim poder estar mais afastados das desgraças que a miséria material e psíquica possibilitam. Deve-se considerar que se é livre, autônomo, quando se consegue optar pelo mal menor, quando se pode decidir a qual senhor servir, sem a percepção de que todos os senhores são similares (...). (CROCHÍK, 2011d, p. 120)

Dessa maneira, o trabalho tem cumprido o papel disciplinador e regularizador de atitudes. Que, conforme já observado nas análises das demais subescalas, mesmo quando os trabalhadores reconhecem as contradições existentes nas relações de trabalho e indicam atitudes de resistência, eles não se contrapõem aos valores existentes. Desse modo, permanecem ligados àquilo que está determinado pela sociedade, no sentido de serem cooptados à irracionalidade da racionalidade tecnológica, nos termos frankfurtianos.

6.6.5 Análise geral

No conjunto dos resultados obtidos e ao considerar os objetivos desta pesquisa, ficou manifesto quão contraditórias são as respostas aferidas pelos sujeitos da pesquisa. Segundo Meneses (2008):

A sociedade administrada pela técnica também avançou na reificação da razão do trabalhador e, com isso, o alienou da produção do seu trabalho, tornando-o apenas mais uma mercadoria para os donos dos bens de produção. Desse modo, o trabalhador entrega seu corpo e sua alma, os quais se moldam segundo o poder mistificador da aparelhagem técnica, deixa-se entranhar pelos valores da formação do mudo administrado na defesa do esforço individual e do trabalho realizado com sacrifício, não consegue avaliar o processo de alienação que toma conta de sua existência e acaba por defender a lógica de quem o oprime (MENESES, 2008, p. 160).

O aparato da racionalidade tecnológica tem responsabilizado os sujeitos pelo seu sucesso ou fracasso no trabalho. No caso do trabalho na linha de produção, responsabiliza-se o sujeito pelo aumento da capacidade produtiva, quando, na verdade, os trabalhadores são apenas apêndices do processo produtivo. Por isso, é preciso compreender, conforme explica Crochík (2011e), que a ideologia vigente, ao exigir e impor a adaptação às regras sociais que ela mesma cria, praticamente anula as possibilidades de resistência dos sujeitos ao que está posto.

Os sujeitos permanecem, assim, tal qual os insetos, discutidos por Adorno e Simpson (1986), ainda que a energia para se tornar sujeito que pensa por si, seja a mesma para que se mantenha como inseto, deixam-se enganar pelos artifícios ideológicos e os reproduzem. Nesse sentido, a lógica prevalecente vem ocasionando, nos termos dos estudiosos frankfurtianos, o desencanto nos sujeitos com relação ao fato de que nada pode ser feito para mudar a realidade. Resistir aos ditames da ideologia da racionalidade tecnológica não é fácil, pois requer processos formativos que possibilitem, pela reflexão crítica, a emancipação e o esclarecimento dos sujeitos quanto ao caráter irracional presente na racionalidade que tem prevalecido na organização da sociedade. Para Meneses (2008), o esclarecimento implica em conhecer as causas que oprimem o pensamento e saber o que representa a constituição dos indivíduos, ou seja, são necessários processos formativos que possibilitem a constituição de razão crítica dos sujeitos.

Diz Crochík:

Se a razão é necessária para a constituição de uma sociedade de homens livres, ela não pode ser restringida as normas e regras sociais sob a forma de racionalidade com respeito a fins, mas deve ser exercida pelos indivíduos; indivíduos que possam também fazer críticas racionais que transcendam esse tipo de racionalidade e tenham como alvo a verdadeira liberdade, a qual não pode prescindir da razão, e a felicidade, que só é verdadeira quando livre da opressão (2011e, p. 166).

Deixar-se ser seduzido pelo discurso da responsabilização do sujeito ou, ainda, de que nada pode ser feito para mudar as condições da sociedade atual implica conformismo. Conforme observa Beatriz, o trabalho, especificamente o emprego, tomou lugar central na sociedade atual e acabou se tornando uma das grandes mazelas da sociedade,

Se o trabalho, hoje, não é mais necessário para garantir a sobrevivência das pessoas, pois o que existe já é o suficiente, e se se usa o trabalho para manter o indivíduo preso ao princípio de desempenho, alienado, à medida que as necessidades que são satisfeitas não são as suas, mas sim as das forças produtivas. Se o medo das pessoas em perder o emprego torna-as menos críticas. Se o tempo utilizado para o lazer e o entretenimento não reforçam a reflexão; se a mídia persuade os indivíduos a incorporar novos conceitos sobre as suas necessidades e desejos com o objetivo de atender às necessidades das formas de produção, quando, então, o ser humano fará uma análise mais complexa do real momento que passa, com o objetivo de buscar mudanças reais e concretas? (BEATRIZ, 2010, p. 1124).

As questões feitas por essa autora e o pensamento dos autores frankfurtianos levam ao entendimento de que não se justifica mais uma sociedade calcada em relações de dominação e exploração. Por isso, para conceber uma sociedade justa, torna-se necessário a constituição de sujeitos que possam fazer críticas racionais que transcendam à lógica vigente e que “tenham como alvo a verdadeira liberdade, a qual não pode prescindir da razão, e a felicidade, que só é verdadeira quando livre da opressão” (CROCHÍK, 2011e, p. 166). Nesse sentido, faz-se preciso resistir àquilo que conduz a sociedade à barbárie.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre os aspectos ideológicos presentes nas relações de trabalho e seus significados na constituição da subjetividade de trabalhadores ampliou o olhar sobre as implicações da ideologia vigente na sociedade contemporânea em relação à formação do indivíduo. Compreendeu-se a complexidade em estudar a ideologia na sociedade contemporânea e, por isso, não é proposto, com os resultados desta pesquisa, realizar considerações conclusivas, mas, sim suscitar mais reflexões acerca do tema.

Por isso, ao analisar a questão sob a ótica dos trabalhadores, pôde-se perceber a ideologia que permeia as relações de trabalho e implica a constituição da subjetividade de trabalhadores. Assim sendo, buscou-se analisar a concepção de trabalho e o valor ideológico atribuído a ele pelos profissionais que atuam na linha de produção em uma empresa de cartonagem, em Campo Grande/MS.

O interesse em realizar esta pesquisa surgiu após discussões no Grupo de Estudos Formação do Indivíduo e Trabalho – GEFIT sobre a irracionalidade da racionalidade tecnológica, uma vez que as contradições sociais decorrentes dessa racionalidade não têm possibilitado reflexões críticas sobre a sociedade.

Desse modo, para sustentar e realizar os propósitos estabelecidos neste estudo, recorreu-se à Teoria Crítica da Sociedade, cujos direcionamentos embasam o entendimento sobre o que tem representado a ideologia vigente nas relações de trabalho e na vida do trabalhador. Além disso, promovem a reflexão de como a cultura, por meio da Indústria Cultural, tem sido transformada em mecanismo ideológico e, dessa maneira, mantém e reproduz a ordem em vigor que atende aos interesses políticos e econômicos da classe superior. Pôde-se compreender como a sociedade administrada tem comprometido a possibilidade de os sujeitos pensarem e romperem com as condições objetivas de sua existência para além do que está dado, e como isso implica dificuldade de diferenciação do sujeito, como mostraram os resultados desta pesquisa.

Como afirma Crochík (2011d), para estudar aspectos da subjetividade é relevante entender os seus determinantes objetivos impostos pela sociedade. Por isso, na sistematização deste trabalho foram abordadas conceituações entendidas como pertinentes para o esclarecimento dos objetivos propostos para a pesquisa. No

capítulo introdutório, foram apresentados o tema e a justificativa para a realização desta pesquisa. O segundo capítulo abordou a organização do trabalho na sociedade capitalista, com intuito de refletir sobre as novas formas de arranjo do trabalho, que têm fortalecido o modo de produção capitalista. Ademais retratou-se como as novas aparências do capitalismo acabam por prescindir o trabalhador de qualquer conteúdo, além de instrumentalizá-lo pelo uso irracional da racionalidade técnica, que tem transfigurado a dominação em administração.

No terceiro capítulo, discutiu-se sobre a questão da ideologia na sociedade contemporânea, de acordo com os estudos dos autores frankfurtianos, pois, para esta pesquisa, foi primordial entender o que representa a ideologia na configuração da sociedade, bem como nas relações de trabalho.

Por sua vez, no quarto capítulo, refletiu-se sobre a possibilidade da formação do indivíduo e a constituição da subjetividade. Visto que a ideologia na sociedade atual tem permeado as relações de trabalho, e acaba por ser a justificativa de atitudes irracionais no ambiente de trabalho, além de implicar a subjugação dos trabalhadores ao que é imposto sem se questionarem. Assim, ao realizar um paralelo do mito de Sísifo, ilustrou-se a importância do esclarecimento, da consciência das contradições da sociedade para resistir e romper com as amarras da ideologia, visto que esta tem instituído, através de seus mecanismos ideológicos, padrões de pensamento e comportamento que resultam na subjetividade subjetivada, dificultando a diferenciação entre os sujeitos e, conseqüentemente, a sua emancipação.

Neste percurso, no quinto capítulo, intentou-se compreender como têm sido desenvolvidas as pesquisas científicas sobre o tema. Identificou-se o quão escassos são os estudos voltados para as implicações da ideologia na constituição da subjetividade de trabalhadores em contexto industrial, principalmente, quando buscam-se análises e discussões com a base teórica de nosso estudo. Contudo, foram apresentadas algumas produções que, mesmo para além dos muros das indústrias, contribuíram para as reflexões sobre o objeto deste estudo.

É relevante destacar, nas pesquisas relatadas, o poder da ideologia, na sociedade atual, e o quanto ela tem administrado a vida dos trabalhadores que não conseguem identificar as contradições desta sociedade e acabam por se anular e se sacrificar em detrimento da aceitação das necessidades a eles impostas. Tal situação tem levado os sujeitos a ainda conceberem a centralidade do trabalho em suas vidas,

mesmo em uma realidade em que os avanços tecnológicos já possibilitam satisfazer as necessidades vitais e reduzir o tempo de trabalho a um tempo mínimo, como afirma Marcuse (2015).

Ao explicar o caminho trilhado para o desenvolvimento desta pesquisa, no sexto capítulo, foram apresentados os dados obtidos, após a aplicação da Escala Formação e Trabalho, elaborada por Meneses (2008), de acordo com os pressupostos da Teoria Crítica da Sociedade. Para analisar os resultados, primeiramente, recorreu-se à análise fatorial, cujo resultado estatístico extraído promoveu as reflexões qualitativas acerca dos objetivos propostos.

No que tange à concepção de trabalho, ficou evidenciado, através dos resultados obtidos, a primazia do discurso adaptado ao sistema capitalista. Os sujeitos da pesquisa, ainda que expressem atitudes de resistência à forma como o trabalho está organizado na sociedade atual, não deixam de se identificar com formas de controle exercidas sobre eles. O que permite questionar: por que nada fazem para mudar a realidade?

A consciência contraditória leva os indivíduos a reflexões automatizadas, o que dificulta a capacidade de pensar sobre a submissão existente nas relações de trabalho. Ainda mais quando o trabalho tem cumprido papel disciplinador e regularizador de atitudes, as quais são valorizadas quando servem à adaptação dos trabalhadores ao sistema e não a sua superação. Assim, o medo de ser substituído no trabalho e de perder o emprego justifica-se, visto que o trabalho é posto, pela lógica vigente, como o meio necessário para a sobrevivência dos sujeitos e, mais ainda, para a sua própria existência, pois, como pontua Meneses (2008), “Ter um emprego qualquer tem sido considerado, nos dias atuais até mesmo aval de dignidade [...]” (p. 93), reiterando, assim, que a ideologia referida tem prevalecido em todos os espaços da vida do sujeito.

O conformismo que enfraquece a capacidade de o trabalhador romper com as amarras da sociedade administrada, implica na não diferenciação dos sujeitos entre eles, e entre eles e as coisas, diante do padrão de pensamento e comportamento unidimensional, defendido pela lógica vigente e reforçado pela Indústria Cultural. Desse modo, os sujeitos têm dificuldade de refletir criticamente sobre as condições e contradições desta sociedade; pois, a reificação da consciência, a instrumentalização da razão tem tornado os trabalhadores apêndices do processo produtivo.

Ao avaliar o valor ideológico atribuído ao trabalho, chama atenção a valorização dada à educação quando comparada ao trabalho, pelos sujeitos da pesquisa. No entanto, cabe refletir sobre que tipo de educação tem prevalecido na sociedade, se não a formação de ajuste aos padrões estabelecidos, ou a formação para o trabalho, com a mera apropriação técnica. Reiteram-se, assim, as discussões de Maar (2006) ao refletir sobre a experiência formativa que possibilite a reflexão crítica, a resistência, a superação e a emancipação. Pois, a educação nesta sociedade deve resultar na crítica e na resistência à ideologia vigente que tem desumanizado os indivíduos e, conseqüentemente, proporcionado a barbárie. Se, assim não ocorrer, deixa de ter sentido valorizar educação. Ou seja, deixa de fazer sentido dar valor a educação que dificulta a capacidade de diferenciação do indivíduo.

Com a educação enquanto mera apropriação técnica e a racionalidade impressa na linha de produção, os trabalhadores têm sido colocados como instrumentos, visto que a organização do trabalho trata o trabalhador como aquilo que ele produz, coisa, e embalando-o conforme os valores prevalecidos. Com isso, sem conseguir romper com o estabelecido, os trabalhadores deixam-se enganar pelos artifícios ideológicos e os reproduzem. Como bem afirma Meneses (2008, p. 163): “constata-se, então, que a lógica da razão administrada é suficientemente forte e eficiente e explica a adesão aos seus valores.”.

No conjunto dos resultados obtidos, fica evidente que os indivíduos continuam despojados da vida e que a adesão à ideologia atual tem perpetuado, principalmente, no que diz respeito à responsabilização do sujeito e de que nada pode ser feito para mudar. Isso porque, entre as mais diversas contradições presentes na sociedade atual: a tecnologia que deveria libertar, tem aprisionado; o trabalho que já poderia ser extinto, tem se tornado essencial; os indivíduos que poderiam ser livre, têm se subjugado ao que tem sido imposto.

Assim, estudar as questões afeitas à ideologia da sociedade contemporânea, implica a resistência para ir além da constituição da realidade atual, pois a ideologia vigente fortalece o seu poder, ao fazer prevalecer os seus interesses na formação dos indivíduos e, com isso, enreda a formação crítica que possibilita a emancipação e o esclarecimento dos indivíduos. Espera-se, por meio deste trabalho, contribuir com os estudos sobre essa questão, uma vez que, ao reafirmar o pensamento de Horkheimer e Adorno de que “as ideologias mais recentes são apenas

reprises das mais antigas.” (1985, p. 53), fica claro que é preciso elaborar o que tem ocorrido na sociedade, pois a negação e o esquecimento implicam na possibilidade de uma repetição do passado com contornos cada vez mais nítidos.

E, como forma de instigar outras reflexões, cabe questionar novamente: “por que ainda nos encontramos presos nas amarras dessa ideologia e, talvez, condenados a rolar pedras ao cume todos os dias?”

8. REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: COHN, G. (Org.). **Sociologia**. Tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1986. p. 62 –75.

ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W. Teoria da Semicultura. In: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. XVII, nº 56, p. 388-411. Dez/1996, pág. 388 – 411.

ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. Tradução Jorge M. B. de Almeida. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ADORNO, T. W.; SIMPSON, G. Sobre música popular. In COHN, Gabriel (Org.). **Coleção “Grandes Cientistas Sociais”**. São Paulo. Ática, 1986, p.115 – 146.

BEATRIZ, M. Z. O trabalho, a repressão e o mal-estar do trabalhador: algumas reflexões. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, vol. X, nº 4, p. 1107 – 1129. Dez/2010. Disponível em: <
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27118632003>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>>. Acesso em: 03 de dez. 2018.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.

CARMO, J. C. Industrialização no município de Campo Grande/MS e a educação profissional. **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 22, n. 51, p. 903 – 925. set./dez. 2013. Disponível em: <
<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1263>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

CHAVES, J. C. A concretização e a promessa do ideário burguês de liberdade e de felicidade. In: RESENDE, A.; CHAVES, J. (Org.). **Psicologia social: crítica socialmente orientada**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2010. p. 35 – 57.

CROCHÍK, J. L. Notas sobre trabalho e sacrifício. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, v.1, n.1, p. 61 – 73, mar. 2003.

CROCHÍK, J. L. A constituição do sujeito na contemporaneidade. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 35, n. 2, p. 387 – 403, jul./dez. 2010.

CROCHÍK, J. L. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. In: **Teoria Crítica da Sociedade e psicologia**: alguns ensaios. Araraquara-SP: Junqueira e Marin; Brasília, DF: CNPq, 2011a. p. 11 – 34.

CROCHÍK, J. L. Os desafios atuais do estudo da subjetividade. In: **Teoria Crítica da Sociedade e psicologia**: alguns ensaios. Araraquara-SP: Junqueira e Marin; Brasília, DF: CNPq, 2011b. p. 101 – 115.

CROCHÍK, J. L. Notas sobre a formação ética e política do psicólogo. In: **Teoria Crítica da Sociedade e psicologia**: alguns ensaios. Araraquara-SP: Junqueira e Marin; Brasília, DF: CNPq, 2011c. p. 63 – 100.

CROCHÍK, J. L. O desencanto sedutor: a ideologia na racionalidade tecnológica. In: **Teoria Crítica da Sociedade e psicologia**: alguns ensaios. Araraquara-SP: Junqueira e Marin; Brasília, DF: CNPq, 2011d. 117 – 143.

CROCHÍK, J. L. Razão, consciência e ideologia: algumas notas. In: **Teoria Crítica da Sociedade e psicologia**: alguns ensaios. Araraquara-SP: Junqueira e Marin; Brasília, DF: CNPq, 2011e. p. 145 – 176.

DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In: MENDES, A. M; LIMA, S.C.C; FACAS, E.P. (Org). **Diálogos em Psicodinâmica do Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2007. p. 13 - 26.

GOMIDE, A. P. de Á. Notas sobre suicídio no trabalho à luz da teoria crítica da sociedade. **Psicol. Cienc. Prof.** [online], vol. 33, n. 2, p. 380 – 395. 2013. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000200010>.

GORZ, A. **Crítica da divisão do Trabalho**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

GORZ, A. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. Tradução de Ana Montoia. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Ideologia. In: **Temas Básicos de Sociologia**. São Paulo, SP: Cultrix. 1973a. p. 184 – 205.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Indivíduo. In: **Temas Básicos de Sociologia**. São Paulo, SP: Cultrix. 1973b. p. 45 – 60.

IBM SPSS Statistics 22.0 for Windows. IBM. 2018. *Software*. Disponível em: < <https://ibm-spss-statistics-base.br.uptodown.com/windows>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

IMBRIZI, J. M. **A formação do indivíduo no capitalismo tardio**: uma análise de estudos que vinculam a esfera subjetiva ao mundo do trabalho. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005.

ISHIDA, T. **Cargo**. 1997. Disponível em: <<https://www.artbasel.com/catalog/artist/8874/Tetsuya-Ishida>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

ITUASSÚ, C. T. **O afeto nas relações de trabalho**: Um estudo com trabalhadores de uma empresa supermercadista. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2014. Disponível em: <<https://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/abntnabr6023.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU, 2007.

LAROS, J. A. O uso da análise fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. Em: L. Pasquali (Org.), **Análise fatorial para pesquisadores**. Petrópolis: Vozes. 2004.

LEVANDOSKI, F. R. **“Somos engolidos por metas”**: relações de trabalho na área da saúde. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2015. Disponível em: <<https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/2228>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

LEVIN, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. São Paulo – SP: Harbra, 1987.

LOYOLA, R. O. **Processo de impressão flexográfica aplicada ao papel ondulado**. 2013. 64 f. Monografia (Especialização em Embalagem), Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UFTPR, Curitiba, 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3623/1/CT_CEEMB_2012_1_11.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

MAAR, W. L. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e terra, 4^o Edição, 2006. p. 11 – 28.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATOS, O. **A Escola de Frankfurt: Sombras e Luzes do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MENESES, B. M.; LOPES, P. D. S; COSTA, R. S. M. Reestruturação produtiva e semiformação. In: MENESES, B. M; SOUZA, R. A. **Reflexões críticas sobre pesquisa, educação e trabalho**. Curitiba-PR: Appris, 2019. No prelo.

MENESES, B. M. **Adolescente trabalhador**: sem tempo de ser rebelde. Campo grande, MS: UFMS, 2008.

MENESES, B. M. **Relações afetivas no trabalho**. Projeto registrado na Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, não publicado, 2011.

MORAES NETO, B. **Século XX e trabalho industrial**: taylorismo/Fordismo, ohnoísmo e automação em debate. São Paulo: Xamã, 2003.

MORAES, R. D. de; VASCONCELOS, A. C. L. (Org.). **Subjetividade e trabalho com automação**: estudo no polo industrial de Manaus. Manaus: Edua, 2011.

ROBERT, N. T. F. Dossiê técnico (Produção de Embalagem de Papel). Rede de Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro – REDETEC, 2007.

SMITH, A. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

WEBER, M. Confissão religiosa e estratificação social. In: **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 29 – 39.

ZAMBERLAN, J. F. et al. Análise da industrialização sul-mato-grossense em fase da industrialização brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 6, n. 3, p. 114 – 135. set./dez. 2010. Disponível em:< <http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/296/209>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

9. APÊNDICES

9.1 APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa “Condições de trabalho e a constituição da subjetividade: um estudo com profissionais que atuam na linha de produção em uma empresa de cartonagem em Campo Grande/MS”, de responsabilidade da pesquisadora Rayane de Sousa Matos da Costa. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra a pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

A pesquisa busca entender as implicações da ideologia na constituição da subjetividade dos trabalhadores. Pois, compreendemos que a partir da maneira como a nossa sociedade está organizada, ela não possibilitado a reflexão crítica dos fenômenos que nos constituem. Assim, o nosso objetivo é analisar o significado e o valor dado ao trabalho pelos participantes da pesquisa, bem como eles avaliam as condições de trabalho na nossa sociedade. A sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário autoaplicado, com 32 itens, no qual os temas estão relacionados com a temática em que se pretende analisar. Este instrumento de pesquisa será disponibilizado pela pesquisadora responsável e a sua aplicação será realizada na sala de treinamento da empresa, durante o horário de trabalho e, durará em média 30 minutos ou o tempo necessário para o preenchimento do instrumento de pesquisa. Assim, para esta pesquisa será necessário apenas um encontro para o preenchimento do questionário.

A pesquisa não possui riscos, porém durante a sua execução, poderá suscitar alguma reflexão e/ou questionamento pessoal do participante acerca do seu trabalho. Sendo assim, caso seja observada durante a pesquisa a ocorrência de constrangimento ou a necessidade de acompanhamento do participante, o mesmo, será orientado quanto à possibilidade de atendimento psicológico gratuito e caso este deseje, será encaminhado para atendimento. Ao participar desse trabalho, você

estará contribuindo com a comunidade científica, na ampliação discussões acerca das implicações da ideologia na constituição da subjetividade, bem como poderá refletir acerca do significado e do valor dado ao trabalho.

Além disso, não terá nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderá deixar de participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá qualquer prejuízo. Também não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação, no entanto, caso tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, será indenizado. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação no estudo, poderá ser compensado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Ressaltamos que sua identidade será mantida em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejar terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados obtidos poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos, desde que assegurados o anonimato dos participantes. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Rayane de Sousa Matos da Costa, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (67) 9 9213-6889, e-mail: rayaneesmc@gmail.com, e/ou com Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), que é composto por um grupo de pessoas que se empenham em garantir o respeito aos direitos dos (as) participantes, e que, portanto, acompanhará a execução desta para fiscalizar se será efetivada de forma ética. Caso sinta a necessidade de entrar em contato com o CEP/UFMS, você poderá enviar um e-mail para o endereço cepconep.propp@ufms.br, bem como contatar o CEP/UFMS no telefone 67 3345-7187. O CEP/UFMS está localizado na Cidade Universitária na Av. Costa e Silva – Pioneiros, Campo Grande – MS e, os dias e horários de atendimento são de segundas às sextas-feiras, das 7 às 11 horas da manhã, e das 13 às 17 horas.

Eu, _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, da pesquisa acima descrita.

Campo Grande, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) Participante

Assinatura da Pesquisadora

10. ANEXOS

10.1 ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA – ESCALA FORMAÇÃO E TRABALHO

Questionário

Dados Pessoais:

Sexo: masculino () feminino ()

Idade: _____ anos.

Função: _____

Tempo de atuação dessa função: _____

Tempo de empresa: _____

INSTRUÇÕES:

A seguir, apresenta-se uma série de afirmações para avaliar o que você pensa e o grau em que concorda ou não com cada uma delas. Após a leitura, a resposta deve ser dada de acordo com a sua primeira impressão.

É importante que todas as questões sejam respondidas.

Todas as informações coletadas serão tratadas de maneira CONFIDENCIAL. Por favor, não comente as respostas com os colegas no decorrer da aplicação.

Atenção: em cada uma das afirmações numeradas, circule o número da resposta que indica a sua opinião.

1	2	3	4
Concordo Totalmente	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente

EXEMPLO:

Os programas de televisão são feitos apenas para o lazer das pessoas.

1	2	3	4
---	---	---	---

Destacar a opção número 2 significa que você concorda parcialmente com a afirmativa.

- 1) O que o trabalhador mais necessita é de rigorosa disciplina, firme determinação e vontade de trabalhar e lutar pela família e pela pátria.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 2) O trabalhador deve ficar atento à sua carreira profissional e despreocupar-se com o que acontece na sociedade.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 3) O trabalhador deve, nas horas livres, continuar preocupado com o trabalho.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 4) É a experiência no trabalho que faz o indivíduo ampliar sua capacidade de análise, sendo desnecessário que a formação escolar o torne crítico e capaz de refletir sobre o que acontece na sociedade.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 5) O trabalhador deve centrar seu interesse em aprender a fazer o que lhe mandam, sem preocupar-se em demonstrar sua capacidade criativa e inteligência.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 6) Problemas de ordem pessoal não devem interferir na realização do trabalho.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 7) Para conseguir promoção no trabalho, o indivíduo precisa demonstrar esforço e boa vontade a todo momento.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 8) A realização profissional independe do grau de formação escolar.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 9) Nos dias atuais, a maneira como o trabalho é realizado impossibilita o trabalhador de ter atitudes de autonomia, de expressar seus desejos e interesses.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 10) O trabalho deve ser avaliado, principalmente, pelo resultado produtivo do indivíduo.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 11) No capitalismo, o sucesso na vida depende, principalmente, pelo resultado do indivíduo.

1	2	3	4
---	---	---	---

- 12) Mesmo tendo condições de mudar para um emprego com melhor salário, o trabalhador deve manter-se no emprego que lhe garante estabilidade.

1	2	3	4
---	---	---	---

13) Nesta sociedade, as pessoas têm autonomia, têm liberdade para decidir sobre suas vidas.

1	2	3	4
---	---	---	---

14) Por ser quem pensa e planeja a execução das atividades de outros trabalhadores, o trabalho intelectual deve ser mais valorizado.

1	2	3	4
---	---	---	---

15) Estudar nem sempre garante que a pessoa possa melhorar as condições materiais de sua vida.

1	2	3	4
---	---	---	---

16) Para o trabalhador, o que realmente importa é ser competente, conhecer o serviço, sem incomodar-se com o que acontece com os colegas de trabalho.

1	2	3	4
---	---	---	---

17) Ao conseguir um bom emprego, os estudos tornam-se desnecessários.

1	2	3	4
---	---	---	---

18) Como a sociedade oferece condições de trabalho de maneira justa, o que importa é o esforço pessoal do indivíduo para conseguir seu “espaço”.

1	2	3	4
---	---	---	---

19) A formação escolar deve preparar o indivíduo para obedecer às autoridades e a cumprir a lei, sem que seja necessário desenvolver-lhe a capacidade de emancipar o pensamento.

1	2	3	4
---	---	---	---

20) Em geral, o trabalho, na sociedade atual, possibilita a realização pessoal.

1	2	3	4
---	---	---	---

21) Por prejudicar a carreira profissional, o trabalhador deve evitar participar de movimentos grevistas.

1	2	3	4
---	---	---	---

22) Ao estudar, o mais importante é conseguir receber o diploma, independentemente do que é aprendido.

1	2	3	4
---	---	---	---

23) Da forma como está organizado na sociedade atual, o trabalho é uma atividade em que a pessoa tem a possibilidade de ser livre para expressar criatividade e conhecimento.

1	2	3	4
---	---	---	---

24) Entre fazer algo com o que discorda (mesmo que seja considerado imoral), e ficar empregado, o melhor é ficar empregado.

1	2	3	4
---	---	---	---

25) Nesta sociedade, o local de trabalho é um lugar para sonhar e realizar desejos.

1	2	3	4
---	---	---	---

26) Independentemente de gostar do que faz, as atitudes no trabalho devem ser voltadas para ganhar mais dinheiro e ter aumento de salário.

1	2	3	4
---	---	---	---

27) Nesta sociedade, o trabalho valoriza e dignifica o trabalhador.

1	2	3	4
---	---	---	---

28) O trabalhador deve participar de movimentos grevistas, lutar por seus direitos e melhores condições de trabalho.

1	2	3	4
---	---	---	---

29) Não há, na sociedade atual, exploração no trabalho.

1	2	3	4
---	---	---	---

30) Como o mercado de trabalho oferece chances iguais para todos, o trabalhador, antes de escolher definitivamente o que quer fazer, tem condições de experimentar diferentes tipos de trabalho.

1	2	3	4
---	---	---	---

31) Trabalhar é apenas ter emprego e receber salário.

1	2	3	4
---	---	---	---

32) Nesta sociedade, as pessoas têm autonomia, têm liberdade para decidir sobre suas vidas.

1	2	3	4
---	---	---	---

10.2 ANEXO B – RESULTADOS DOS PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS DA ESCALA FORMAÇÃO E TRABALHO

A seguir estão relacionados, de acordo com cada tema abordado na Escala Formação e Trabalho (MENESES, 2008), as tabelas com os resultados da Análise Fatorial realizada após a coleta dos dados da pesquisa em questão. Cabe ressaltar que os 31 itens que compõem a escala apresentaram coeficiente de correlação (carga fatorial) acima de 0,40, o que mostra a correlação positiva entre os itens, conforme os estudos de Kerlinger (1980).

Ainda que o instrumento se trate de Escala já validada, foi calculado o coeficiente alfa de *Cronbach* para medir a consistência do questionário aplicado. O índice obtido foi de 0,87, o qual indica boa confiabilidade, ou seja, há boa intensidade de correlação entre os itens.

B.1 – CONCEPÇÃO DE TRABALHO

TABELA B.1 – Resultados da análise fatorial: concepção de trabalho

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL
FATOR 1 Trabalho, alienação e resultados.	Item 20 – Trabalho possibilita realização pessoal.	0,819
	Item 27 – Trabalho valoriza e dignifica o trabalhador.	0,790
	Item 23 – Trabalho possibilita liberdade, conhecimento e criatividade.	0,750
	Item 10 – Trabalho avaliado pelo resultado produtivo do indivíduo.	0,686
FATOR 2 Salário, exploração e autonomia.	Item 31 – Trabalhar é ter emprego e receber salário.	0,791
	Item 29 – Não há exploração no trabalho.	0,710
	Item 09 – A realização do trabalho não permite autonomia.	0,566

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala formação e trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

A medida de adequação da amostra foi de 0,474, a prova de esfericidade de Bartlett¹⁸ foi 45,121, com grau significância 0,000, tais resultados mostram a possibilidade de uso da amostra.

O método de rotação para esse conjunto de itens indicou 2 fatores, os quais foram denominados: **trabalho, alienação e resultados** (Itens 20, 27, 23 e 10) e, **salário, exploração e autonomia** (Itens 31, 29 e 09).

B.2 – ATITUDES VALORIZADAS NO TRABALHO

TABELA B.2 – Resultados da análise fatorial: atitudes valorizadas no trabalho

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL
FATOR 1 Atitudes no trabalho.	Item 14 – Trabalho intelectual deve ser mais valorizado.	0,797
	Item 05 – Trabalhador deve ser submisso sem demonstrar criatividade.	0,759
	Item 26 – Trabalhar para ganhar mais dinheiro e ter aumento de salário.	0,701
	Item 12 – O trabalho com estabilidade é melhor do que o trabalho com melhor salário.	0,645
	Item 28 – O trabalhador deve participar de greve para garantir seus direitos e melhores condições de trabalho.	0,572
	Item 07 – O trabalhador deve demonstrar esforço e boa vontade para conseguir promoção no trabalho.	0,568
	Item 24 – É melhor ficar empregado mesmo que seja necessário fazer algo com que discorde.	0,493
FATOR 2 Greve e sonhos.	Item 21 – O trabalhador deve evitar participar de greve, pois prejudica sua carreira.	0,793
	Item 25 – Trabalho é lugar para realizar sonhos.	0,640
FATOR 3 Comprometimento e competência.	Item 06 – Trabalho deve ser independente de problemas pessoais.	0,825
	Item 16 – Trabalhador deve ser competente sem preocupar-se com os demais colegas.	-0,471

¹⁸ A prova de esfericidade de Bartlett é uma matriz que avalia a possibilidade de se prosseguir com a análise fatorial, de acordo com a configuração espacial dos resultados.

FATOR 4 Trabalho e oportunidades.	Item 30 – O trabalho oferece chances iguais para todos.	0,713
	Item 03 – Horas livres voltadas para o trabalho.	0,660
	Item 02 – O trabalhador deve ater-se à carreira profissional.	0,449

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala formação e trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

A medida de adequação da amostra foi de 0,715, a prova de esfericidade de Bartlett foi 184,301, com grau de significância 0,000, tais resultados mostram a possibilidade de uso da amostra.

O método de rotação para esse conjunto de itens indicou 4 fatores, os quais foram denominados: **atitudes no trabalho** (Itens 14, 05, 26, 12, 28, 07 e 24); **greve e sonhos** (Itens 21 e 25); **comprometimento com o trabalho** (Itens 06 e 16); **trabalho e oportunidades** (Itens 30, 03 e 02).

B.3 – VALOR DADO À EDUCAÇÃO E AO TRABALHO

TABELA B.3 – Resultados da análise fatorial: valor dado à educação e ao trabalho

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL
FATOR 1 Trabalho e formação escolar	Item 22 – Diploma é considerado mais importante que aprendizado.	0,762
	Item 17 – Um bom emprego torna os estudos desnecessários.	0,740
	Item 04 – Trabalho amplia a capacidade do indivíduo em detrimento da formação escolar.	0,641
	Item 19 – Formação escolar deve preparar o indivíduo para ser subserviente.	0,529
FATOR 2 Realização profissional.	Item 08 – Realização profissional independe da formação escolar.	0,808
	Item 15 – A formação escolar nem sempre garante melhorar as condições de vida.	0,652

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala formação e trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

A medida de adequação da amostra foi de 0,563, a prova de esfericidade de Bartlett foi 41,760, com grau de significância 0,000, tais resultados mostram a possibilidade de uso da amostra.

O método de rotação para esse conjunto de itens indicou 2 fatores, os quais foram denominados: **trabalho e formação escolar** (Itens 22, 17, 04 e 19) e **realização profissional** (Itens 08 e 15).

B.4 – ADAPTAÇÃO À IDEOLOGIA DO MUNDO ADMINISTRADO

TABELA B.4 – Resultados da análise fatorial: adaptação à ideologia do mundo administrado

FATOR	ITEM	CARGA FATORIAL
FATOR 1 Trabalho e responsabilização.	Item 18 – A sociedade é justa e o que vale é o esforço pessoal.	0,859
	Item 11 – O sucesso na vida depende, principalmente, do indivíduo.	0,772
FATOR 2 Autoritarismo e autonomia.	Item 01 – O trabalhador necessita de rigorosa disciplina, firme determinação, vontade de trabalhar e lutar pela família e pela pátria.	0,895
	Item 13/32 – As pessoas têm autonomia e liberdade.	0,656

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos resultados obtidos para a Escala formação e trabalho, com dados calculados utilizando o programa SPSS 22.0 for Windows. Método de extração: Análise dos componentes principais. Método de rotação: Varimax com normalização Kaiser.

A medida de adequação da amostra foi de 0,604, a prova de esfericidade de Bartlett foi 20,568, com grau de significância 0,000, tais resultados mostram a possibilidade de uso da amostra.

O método de rotação para esse conjunto de itens indicou 2 fatores, os quais foram denominados: **trabalho e responsabilização** (Itens 18 e 11) e, **autoritarismo e autonomia** (Itens 01 e 13/32).